

GRANJINHAS REUNIDAS

"DR. HENRIQUE MARQUES LISBOA

Uma experiência de 10 anos na Fazenda do Rosário

Ibirité - Minas Gerais

1957 - 1967

Observações e dados colhidos por:

AUREA NARDELLI,

Diretora Técnica do Ensino Primário

Supervisora do Ensino Rural

Com uma Nota sôbre

"A vida e a Obra do

Prof. H. Marques Lisboa"

por HELENA ANTIPOFF,

co-coordenadora dos Cursos e

Serviços da Fazenda do Rosário.

A P R E S E N T A Ç Ã O

Este trabalho é um documentário colhido na "CAIXA DAS GRANJINHAS", o que quer dizer: no seu arquivo. Dos diários ali encontrados poderíamos fazer um compêndio, tal a riqueza e variedade de material.

Ao lado desse documentário, estão trechos de Diários de Helena An tipoff, a mestra cujos olhos são janelas abertas para a ciência, cujo coração é relicário de ternura para com o homem do campo, por cuja independência luta há quase vinte anos ininterruptos. E, mais do que notas de seus Diários, estão aqui, embora de forma imperfeita, pensamento e conceitos seus, suas observações tão valiosas, tudo movido em longas conversas que, para nós, são verdadeiras fonte de ensinamentos e da inspiração.

Há também, observações e pensamentos nossos que são, sem dúvida a menor parcela de quanto aqui se documenta, numa edição revista e ampliada, de trabalho nosso, publicado em 1961.

Porque o nome: GRANJINHAS REUNIDAS "MARQUES LISBOA"

Henrique Marques Lisboa descendia de ilustre família, neto que era do Almirante Tamandaré - um dos que, ao tempo do Império, teve a vida dedicada à defesa da Pátria Brasileira.

Trazia, pois, na origem, o destemor dos bravos. E isso o fez incansável batalhador nas lutas pela recuperação de vidas humanas desbasta-
das por enfermidades, pois era médico.

Doente ele próprio na juventude, tão bem superou essa deficiência, que viveu até 92 anos, participando intelectualmente do mundo que o cercava.

Foi catedrático da Faculdade de Medicina de Belo Horizonte.

Com a sua aposentadoria começa, talvez, a história das "Granjinhas" pois, apaixonado pelas Ciências Físicas e Naturais, troca a Faculdade de Medicina pela Escola Elementar, que foi seu campo de trabalho durante muitos anos.

Gerações e gerações de crianças de Belo Horizonte e algumas da Fazenda do Rosário, lembra-se com saudades, daquelas aulas com bichos de verdade, com miniaturas de aparelhos de verdade, com vitaminas e proteínas de verdade... Pois tudo era feito, era experimentado em suas aulas. Ali apareciam girinos, sapos, cobras, insetos... As tarefas para casa eram diferentes das comuns: criavam animais, faziam plantações.

Lembro-me do choro inconsolável de uma sobrinha, sua aluna, porque lhe morrera a "maria sapuda", quando lhe nasciam as perninhas. "Maria sapuda" era um girino que lhe coubera cuidar, para observar as fases de sua transformação.

Na Fazenda do Rosário, lecionou na Escola Elementar, no Curso Normal Regional, no Curso de Supervisoras do Ensino Rural, quando o tivemos por mestre e nos vimos em apuros ante os problemas que nos apresentava. Tu

do deveria ser deduzido por observações e experiências.

Que bons vatapás, que feijoadas completas, que saladas de legumes ou que canja saborosa (daquelas galinhas que nos serviam de estudos) completavam nossos conhecimentos!

Preocupava-se com a desnutrição de nosso povo e talvez venha daí a semente das "Granjinhas".

A Escola Elementar teve suas "Granjinhas", em tudo marcada pela mão do mestre: idealizava e construía com as crianças, chocadeiras rústicas, fogões de latas velhas onde até merenda se fazia, "apartamentos" para coelhos... Nas suas "Granjinhas" a criação de animais era exigida, era a proteína ao lado da vitamina.

Os demais cursos também tiveram e têm suas "Granjinhas". É a idéia transformada em ação.

Eis o porquê do nome "Granjinhas Reunidas Marques Lisboa".

Eis, em traços muito leves, um aspecto da vida daquêle que foi grande, que foi nobre, que foi cristão por seus atos, durante toda a existência e por adesão consciente quando, ao fim da jornada, após estudo e profunda modéstia, sua inteligência privilegiada se engrandeceu no encontro com Cristo.

"GRANJINHAS REUNIDAS PROFESSOR MARQUES LISBOA"

Prefácio à 2ª edição (aumentada) em português. (Homenagem postuma à memória do Mestre)

Há muito que se esgotou a primeira edição das "Granjinhas" (1960) e eis que bem, inesperadamente, uma vez amiga convidar a fazer uma nova publicação.

O convite partiu do nobre técnico da UNESCO, professor Alejandro Covarrubias Zagal, agora em missão pedagógica no Brasil. Na direção do Curso de Supervisores sobre a ESCOLA UNITÁRIA RURAL na Fazenda do Rosário, município de Ibirité, Estado de Minas Gerais, este notável educador entusiasmou-se de tal modo com as "Granjinhas" que não somente experimentou essa modalidade pedagógica com as 40 professoras-alunas de seu Curso, como ainda desejou que as "Granjinhas" tivessem irradiação pelo mundo afora. Assim veio a ideia de se fazer uma nova edição, em português e... a primeira, em espanhol para a América Latina.

Outro fato aconteceu ainda: ao enaltecer o valor da ciência na Escola Primária, o Professor Covarrubias recomendou também o cultivo da memória dos homens ilustres, cuja vida dedicada às descobertas e serviços à humanidade serve de poderoso estímulo não só à pesquisa científica como à maior fé nos homens, na humanidade, sobretudo nos seus mais perturbados períodos de crise moral, econômica e social. Nada mais anima a nossa coragem que essas vidas de santos leigos: do fundo de seus laboratórios, cheios de novidades e perigos também, lançam luzes e alívio aos necessitados e aos sofredores, sem nada lhes pedirem em troca senão a confirmação de suas descobertas, a eficiência de novos processos...

Pois bem, as "GRANJINHAS" - surgiram como frutos de observação e de inúmeras tentativas de êxito de um desses "santos" cuja vida, toda ela dedicada ao bem do próximo e à verdade se extinguiu aos 91 anos. Seria mais longa se uma pneumonia não tivesse levado ao fim total essa natureza robusta.

Trata-se do Professor Henrique Marques Lisboa, nosso herói brasileiro.

Eis a última carta que recebemos dele antes de seu falecimento:

D. Helena Antipoff,

Salutem.

Vi a notícia de que vive na Rússia um homem forte. Merece o título de forte, pois tem 160 anos de idade e é capaz de atividades que exijam esforços.

Lembrei-me de nossas atividades, em Belo Horizonte e na Fazenda do Rosário e gostaria de restá-las; por isso escrevo-lhe perguntando se isso é coisa impossível. Esperando resposta animadora, fico contando os dias.

O amigo de sempre

Marques Lisboa

Infelizmente, quando me foi possível fazer a viagem ao Rio de Janeiro para esse encontro, recebi a notícia de sua morte...

Agora, sinto-me na sagrada obrigação de apresentar esse amigo e colaborador que, tanto contribuiu à renovação do Ensino Público no Estado de Minas Gerais. Homem íntegro, personalidade descomum, modesto, atento às misérias do mundo para nelas descobrir o remédio ao mal e imprimir a esperança de dias melhores, pela ciência, e a educação.

Em um discurso na Associação Cristã dos Moços, dizia Professor Marques Lisboa: "... Sendo velho, ingresso em uma Associação de jovens. Que títulos posso apresentar para justificar a minha aceitação de um cargo altamente honrado, como é o de presidente desta seção da A.C.M.? - Em primeiro lugar, estou certo que a minha velhice ficará diluída pelo vigor moço da grande maioria dos socios, em segundo, quero declarar que tenho a religião que os Rotarianos resumem em duas palavras: PRESTAR SERVIÇO e por isso me sentirei bem entre os que têm por preceitos: amar o próximo, repudiar o ódio e proporcionar todo o bem de que for capaz".

Nesse auto-retrato define-se Dr. Marques, cabendo a nós mostrar algo de sua estupenda capacidade de cooperar que punha invariavelmente à disposição de quem tivesse a necessidade dela. Nunca, que eu saiba, tem ele recusado qualquer serviço por mais difícil que seja a quem lhe tem pedido, por mais importante ou mais humilde solicitar que fosse.

Vejamos, rapidamente, a trama da vida do Henrique Silvino Coelho Marques Lisboa:

Nascido em 17 de fevereiro de 1876, em Barbacena, Estado de Minas Gerais, faleceu em 4 de março de 1967, no Rio de Janeiro.

Era filho de Francisco de Borja Marques Lisboa, engenheiro civil, que se distinguiu na construção da Estrada de Ferro em Barbacena. Seu avô, Joaquim Marques Lisboa, era Almirante da Armada Brasileira, o Marquês de Tamandaré, a respeito do qual assim se expressava o Imperador D. Pedro II: "Eu também tenho meu Bayard, sans peur et sans reproche - é Tamandara" (.. 1807-1897).

Henrique foi criado na casa do ilustre avô, pela sua tia D. Euphrasia, que lhe deu uma educação fina e severa.

Estudou no Seminário Menor de S. José, no Rio de Janeiro. Ingressando na Faculdade de Medicina, custeou seus próprios estudos dando aulas de matemática a alunos particulares.

No 5º ano de estudos médicos foi aceito no Instituto Biológico de Manguinhos, constituindo com outros discípulos o primeiro grupo de pesquisadores, sob a direção do eminente cientista brasileiro Oswaldo Cruz. No final do 5º ano, foi designado por Oswaldo Cruz, como interno residente no Hospital de Jurujuba, para demonstração do valor terapêutico do soro anti-pestoso, então fabricado em Manguinhos e que reduziu a mortalidade de 70% para 17,5%.

Formou-se em 1902, defendendo a tese de doutoramento sobre Hematologia. Nessa ocasião telegrafou à sua velha tia Euphrasia: "Aprovado distinção - pedi Alice".

Doutor em medicina e noivo da Srta. Alice Brandão Fernandes Eiras, casou-se em 1904. Ela de origem anglo-saxônica, loura, de olhos azuis, e finos traços foi sua fiel companheira durante toda a vida. Tiveram quatro filhos e duas filhas e vários netos.

Sofreu a desgraça de perder um filho médico, Flávio, o mais parecido com ele física e espiritualmente e, anos depois, a esposa. A morte de ambos abalaram sobremaneira o coração e a alegria do nosso Amigo, quase octogenário naquela ocasião.

No ano de seu casamento, Dr. Marques foi comissionado por Oswaldo Cruz, então Diretor de Saúde Pública, para combater a peste bubônica na cidade de São Luís do Maranhão. Aí a vacina, em parte aconselhada por alguns clínicos, que era uma mistura de microbios mortos, mostrou-se ineficaz, tanto que o Dr. Marques Lisboa contraiu a moléstia (peste bubônica) sem grandes preocupações, aliás, pois sabia do valor curativo do soro que tinha em mão.

Depois de restabelecido, um telegrama do mesmo Oswaldo Cruz, convidava-o para assumir a direção da Delegacia de Saúde do 3º Distrito Sanitário, no Rio de Janeiro (1905-1910), tornando-se nosso retratado um grande e experimentado sanitarista brasileiro.

Em 1911 transferiu-se para Belo Horizonte, capital do Estado de Minas Gerais, em qualidade de Diretor do Posto Experimental de Veterinária, do Ministério da Agricultura.

Essa transferência para as Alterosas correspondia também à necessidade pessoal do nosso cientista, pois as montanhas de Belo Horizonte e seu clima puro, frio e seco atraía, já naquela época, os tuberculosos de todos os quadrantes do Brasil. Dr. Marques Lisboa era um desses. Felizmente, ele, como outros ilustres médicos, cariocas, gaúchos etc., os primeiros clientes dos sanatórios de Belo Horizonte, se deram perfeitamente bem com o clima privilegiado, quase todos tendo vivido longos anos, até idade avançada, sadios e fortes.

Foram infinitos os benefícios prestados por Henrique Marques Lisboa a sua pátria, muitas vezes em qualidade de pioneiro de notáveis empreendimentos e obras culturais e sociais.

Em 1912 inaugurou a cadeira de História Natural médica da Faculdade de Medicina de Minas Gerais, figurando no primeiro corpo docente desta nova então Faculdade.

Montou, em sua casa, a primeira Estação de Rádio Difusão. Fundou o primeiro núcleo de Escotismo de Belo Horizonte, Fundou o Joquei Clube de Belo Horizonte, com secções náuticas e hípias. Em 1928 fundou o Sanatório de Tuberculosos Proletários, no Morro das Pedras. Dizia que eram fundadores ele e o barbeiro Sr. José Cesar dos Santos e gostava de oferecer aos amigos uma folha comemorativa estampando o seu retrato ao lado do outro. Vale a pena, neste ponto lembrar algo que bem caracteriza o nosso herói: e, 1930, em Belo Horizonte, era a sede da revolução e da guerra civil entre os Estados da Aliança (Minas, Rio Grande do Sul e Paraíba) contra o regime do Presidente da República, Washington Luiz. O Exército Federal, sediado numa das colinas de Belo Horizonte, despejava metralha defendendo-se contra a Polícia Militar do Estado e atacava os pontos estratégicos da capital mineira, vitimando cidadãos pacíficos que transitavam imprudentemente pela cidade.

Professor Marques Lisboa, diretor do Sanatório do Morro das Pedras, cuidava de seus doentes com muito carinho e nunca os deixou, mesmo nos dias mais caóticos da luta sangrenta sem a sua visita e sem os mantimentos em caminhoneta, com seu fiel Sr. José, o motorista, lá iam os dois a subir os morros, a vista do inimigo. Felizmente nada lhes aconteceu e, diariamente até a rendição do Regimento Federal, continuavam a levar aos tuberculosos, leite, carne, verduras e assistência médica.

Nos primeiros anos, o Sanatório funcionava com 14 leitos apenas,

em casinhas de adobe, sem maior conforto material, porém com bons serviços médicos e de enfermagem. A obra era custeada pela caridade pública e pequenas subvenções governamentais.

Inovador dos mais avançados tratamentos da tuberculose, Dr. Marques Lisboa foi um dos primeiros a introduzir a terapia ocupacional nos Sanatórios. Isso não deixava de escandalizar grupos de médicos, presos ao regime de absoluto repouso e de inatividade dos doentes e pouco se preocupando com o estado de desânimo e de depressão que freava a cura.

Os quatorze leitos iniciais alcançavam a casa de duzentos em 1948, quando o Sanatório foi doado ao Instituto das Pequenas Missionárias de Maria Imaculada. Essas religiosas souberam continuar a obra, nos moldes que lhe traçou o seu fundador e levando-a já sob a denominação de Sanatório Marques Lisboa, a notáveis progressos da terapêutica médico-social do tuberculoso. A terapia ocupacional continua a desempenhar um papel importante, felizmente, confirmado assim a clarividência do Dr. Marques Lisboa.

É agradável de ouvir as religiosas do Sanatório evocar as suas palavras e atos: "A mão esquerda não deve saber o que faz a direita", referindo-se à sua ilimitada generosidade. Também, diziam que nunca viram um ateu tão cristão e caridoso como o patrono de sanatório, hoje, Sanatório Marques Lisboa.

Fundou ainda o Albergue para Tuberculoso em trânsito, aos quais era negado hospedagem nos hotéis, em pensões ou sanatórios de Belo Horizonte.

Grande benemérito foi Dr. Marques Lisboa para a classe médica, ao assumir a presidência da Associação Médica de Minas Gerais e dotando-a graças ao prestígio pessoal e energia, de um patrimônio, próprio, cedido pelo Governo Municipal de Belo Horizonte ao mesmo tempo que estimulando a classe as pesquisas e à vida de mais elevado gabarito social.

Na Faculdade de Medicina, lecionou durante 35 anos contínuos, até o fim de 1946, quando se aposentou, após ter sofrido um enfarte de coração. Neste período a cadeira de História Natural Médica passou a chamar-se Parasitologia e a Faculdade de Medicina de Belo Horizonte, passou a integrar a Universidade de Minas Gerais, fundada em 1937.

Discípulo de Oswaldo Cruz, com quem trabalhou em memoráveis campanhas sanitárias, e companheiro de Carlos Chagas, trouxe para Minas o espírito da pesquisa científica que caracteriza o Instituto de Manguinhos.

Juntamente com Ezequiel Dias, Otávio Magalhães, Almeida Cunha e Borges da Costa, pode ser considerado um dos fundadores da escola de Medicina Experimental de Minas Gerais.

Espírito eminentemente lógico, nunca aceitou senão a realidade dos fatos. Sua maior campanha sempre foi contra o dogmatismo em ciência, procurando incutir nos seus jovens alunos e espírito de crítica, a análise dos resultados, a rejeição das teorias sem base, firmadas apenas no prestígio dos seus autores.

Sua influência na formação da mentalidade dos alunos sempre foi, dessa maneira, extremamente marcada e benéfica.

Como homenagem excepcional aos seus méritos a Congregação da Faculdade de Medicina, logo após sua aposentadoria, por voto unânime, escolheu-o para professor emérito, com todas as prerrogativas, inclusive a de lecionar e participar dos trabalhos da congregação. (Dados fornecidos pelo Professor da cadeira de Parasitologia que lhe sucedeu, Dr. Amílcar Viana Martins.)

Entre seus trabalhos científicos, devem ser citados a produção de soro contra a peste dos porcos, para vacinação, que deu ótimos resultados na prática. Para isso ele construiu umas pocilgas-modelo onde preparava o soro por método especial.

Ainda, por processo original preparou Marques Lisboa um soro contra a febre aftosa tendo publicado o trabalho em que se verificava um resultado de 80% de imunidade nos animais inoculados.

Retomou os estudos sobre o Pneumoenterite dos bovinos (bezerros), demonstrando que se trata de uma moléstia provocada por um vírus filtrável. Obteve, em 1922, um soro ativo contra Epitelioma contagiosa das aves ou difteria, tendo publicado um valioso trabalho nas Memórias do Instituto Oswaldo Cruz, naquela época.

Chegou também a formular a tese de que os vírus filtráveis produzem soros preventivos de valia, quando inoculados de modo conveniente, em animais sensíveis à moléstia de que é causa.

Além desses trabalhos, Marques Lisboa se incumbia de imunização contra a piroplasmose e anaplasmoses dos bovinos importados pelo Estado ou pela União, com resultados realmente magníficos pela perda mínima.

Em viagem constante pelo interior de Minas, estudava as epizootias dos rebanhos mineiros, citando a causa e dando remédio necessário. (Dados fornecidos pelo Professor Octavio de Magalhães, em 1958.)

- o -

Como se nota, é longa a lista dos feitos devido à iniciativa, à competência, à dedicação e capacidade do Professor Marques Lisboa nos mais variados campos de atividade. No entanto, apesar de muito que deu à ciência médica, à parasitologia e às obras sociais, inclusive, creio que nada alcançou tamanha significação e repercussão quanto à sua contribuição no campo da Educação, junto a Escola. Como renovador da atmosfera escolar e reformador do Ensino de Minas Gerais, Professor Marques Lisboa foi um grande benfeitor das novas gerações estudantis. Seus métodos de trabalho e suas ideias, deveras revolucionárias, produziam no magistério (como é natural) verdadeiro espanto de uns e desconfiança de outros. Porém, mais numerosos certamente foram seus seguidores.

Como exemplo, citaremos os famosos exames vestibulares na Faculdade de Medicina, de cujas bancas examinadoras ele participava, em qualidade de professor de Biologia, anos seguidos. Em contato com milhares de candidatos era-lhe fácil constatar como eram frageis os conhecimentos e quanta estupidez carregavam em sua bagagem escolar, não lhes faltando todavia esforço, mal saídos dos colégios, de perder horas e horas para se prepararem aos severos concursos pré-universitários.

Contava-se anedotas a respeito desses exames: como Dr. Marques considerava-os mera formalidade e os conhecimentos verbais dos candidatos inúteis para futura carreira de médicos, o nosso examinador dava nota de aprovação não por esse "saber" sem valor e sim pela "ignorância", deixando os moços inteligentes ingressarem na Faculdade para aprenderem aquilo que ignoravam.

Dos sistemáticos fracassos nessas provas acadêmicas, o professor universitário concluiu que havia algo de errado no ensino médio que exigia revisão dos programas e, sobretudo, dos métodos pedagógicos. Percebeu também que a reforma do ensino médio podia faltar base no ensino primário e, quiçá, no pré-primário. E foi assim que, após 35 anos de magistério, Dr. Marques, ainda em plena força física e mental, resolveu descer das alturas do ensino superior para se elevar com o ensino elementar, durante mais de 20 anos de sua vida, em busca de autênticos métodos e progressos de aprendizagem das novas gerações brasileiras.

E eis o nosso Mestre no meio de crianças, de cócoras, no pátio in

terno das classes anexas da antiga Escola de Aperfeiçoamento pedagógico, a observar, com os mais curiosos da classe, os girinos no tanque d'água... E a cena se repete sob esta ou aquela forma, em assuntos mais variados de ciências naturais, em centenas de classes primárias e infantis, em escolas normais, em cursos de professores...

Os assuntos não faltam: ora jorram da curiosidade dos alunos, conforme o slogan genebrense do Instituto de Ciências de Educação, de Claparede - DISCAT A PUERO MAGISTER - ora é o mestre que tenta introduzir uma de suas próprias experiências, porém fugindo a esse outro slogan, oposto: MAGISTER DIXIT. Cheio de material concreto, interessante para o aluno, o mestre nada impõe, mas oferece oportunidade para a observação, a indagação, a análise, a verificação de hipóteses, a conclusões... etapas de método científico.

Fiquei não pouco surpreendida com o vocabulário de meu neto, de 5 anos de idade, naquela ocasião um dos felizardos do jardim de infância acessorado pelo Prof. Marques. Volta e meia, aparecia em sua linguagem o vocábulo que sou, mais ou menos, como "piência". Descobri que se referia às atividades de sua escolinha e significava "experiência", uma espécie de "mágica" que o caro mestre realizava com os pequerruchos. Percebi esta palavra, já melhor pronunciada, nas conversas de meninos de 9-10 anos, nos pátios dos grupos escolares, às vezes na rua, no ônibus... tal era a repercussão das aulas nos interesses dos meninos.

Esse interesse pelas coisas da natureza e da ciência foi certamente bastante auspicioso num país onde a Escola dá ainda tão escassa atenção a essas modalidades do currículo escolar, sempre sem base na realidade, sem exercícios práticos, sem trabalhos manuais...

Os escolares de Belo Horizonte encontraram, enfim, na pessoa bondosa do velho sábio alguém que lhes conviesse, que acertasse, sem se molestar com as perguntas lançadas em plena aula: - Para que servem os bigodes do gato? - Por que o peixe não se afoga n'água? - Por que a lua não cai? - Onde se esconde a noite? - Como é que o beija-flor pode voar para trás? - É verdade que a gente pode comer cobra venenosa? e tantas outras.

Dr. Marques Lisboa nunca monopolizava a classe, mas transformava as aulas em diálogos e vivos debates com ou entre os próprios alunos. Essas fases "falatorias" alteravam, via de regra, com períodos de silenciosa concentração de atenção, quando a sala "viva laboratório", e os alunos, quatro a quatro, ocupando mesinhas e munidos de "instrumentário" sui generis (canivete, tesourinha, pedaço de arame, de linha etc.) iam dissecar uma saradinha, ou a coxa de um galináceo, ou acompanhavam boquiabertos a abertura do coelho, cada grupo recebendo em seguida, vísceras do animal em estudo. O instrumentário e os animais saíam da bolsa do Dr. Marques, como da maleta de um mágico ambulante. Via de regra, antes de cada aula, passava ele no Mercado Municipal de Belo Horizonte onde adquiria, às expensas próprias, todo esse variado e rico material de ensino de ciências para seus estudantes do curso primário.

Agora, deixemos a palavra a uma ex-aluna da Escola Normal Rural Oficial "Sandoval Soares de Azevedo", da Fazenda do Rosário, hoje casada com um norte-americano; ela mandou-me da Universidade de Flórida, onde estuda Psicologia, suas reminiscências (à moda de "Vidas Paralelas", de Plutarco) acerca dos seus dois mestres, falecidos em intervalo de dois dias, no mês de março do corrente ano, no Rio de Janeiro, por uma singular coincidência do acaso.

NARDELLI, Aúrea. Granjeira Ren-
nida "Dr. Henrique Marques
Pisboa; uma experiência de
10 anos na Fazenda do Rosá-
rio, 41.º Distrito, Minas Gerais, 1957-
1967. 41.º Distrito, MG, Fazenda do
Rosário, 1967. 41 f. mimeogr.

Alfa 31

adm

ARGENTINA / ARGENTINA

I. INEP. Curso de Pedagogia Rural,
Fazenda do Rosário

DR. MARQUES E DR. EUZÉBIO - DOIS PROFESSORES DE CIÊNCIAS

Por Zenita Cunha Gunther

Eu encontrei Dr. Euzébio o ano passado, e não pude notar nele nenhuma diferença desde há dez anos, quando ele nos ensinava ciências na Escola Normal.

Na verdade, sua maneira de se expressar ao ser apresentado ao meu marido, foi a mesma conhecida de antes:

"Calculando-se em média, 2 quilos de pêso de CARNE para cada um, teremos para cada caixote o fornecimento de 30 quilos de carne para o aluno do grupo escolar rural, a ser somado à carne do pombo, mais facil ainda de fornecer BORRACHOS deliciosos.

Se essas sugestões minarem simpatia, poderemos realizar uma sociedade, em que entre com a COELHA e você com todas as outras exigências da criação.

A exploração de PINTOS de um dia pode ser iniciada no mesmo tipo de duplo caixote com dossel de flanela ou pano grosso. O piso deve ser coberto de areia seca, depois de peneirada. O mesmo deve ser feito nos alojamentos dos coelhos e pombos. Aguardando notícias, fica o velho amigo"

a. H. Marques Lisboa.

É tempo agora de abordar as "GRANJINHAS" - esta herança que nos deixou Dr. Marques Lisboa. Sinto para esse legado algo como um dever sagrado: enquanto viva, dar-lhe mais vida e não deixar que se propaguem sem obedecer a criterios básicos, fora dos quais seriam apenas hortinhas escolares, e suas atividades não passariam de nossos trabalhos agrícolas. As GRANJINHAS REUNIDAS PROFESSOR MARQUES LISBOA é coisa diferente, e bem mais ampla: a experiência de dez anos, fez entrever novos aspectos sem no entanto lesar o significado inicial do autor.

As GRANJINHAS, é preciso dizer, resultaram de repetidos ensaios dentro dos Clubes Agrícolas Escolares. Queria Marques Lisboa que se fizesse na Escola máximo aproveitamento do solo, do terreno e do ambiente natural. Queria que a criança, encontrasse oportunidades maiores de experimentar com suas próprias mãos, seus próprios sentidos e sua inteligência orientada por mestres competentes - toda a ciência de que precisasse na solução de seus problemas rurícola: queria-o sadio, robusto, vivo de inteligência, bom e ainda munido de noções práticas a respeito das coisas que to do homem do campo deva conhecer para viver melhor.

Grandemente preocupado com a carência alimentar tão defeituosa entre nós, imaginava uma série de estratagemas para tirar da terra o maximo rendimento, dentro do espaço mínimo, pois conhecia as dificuldades de encontrar maior, tanto no lar familiar, como nas escolinhas rurais ou urbanas.

Sua imaginação descobriu um dia o CANTEIRO-ESTRÊLA de cinco ou de seis pontas. Esta estrela, de pouco mais de tres metros de ponta a ponta, devia conter, seis a oito variedades de hortaliças e algumas flores: tomates, couves, alface, almeirão, cenourinha, beterraba, quiabo, pimentão, além da salsa, cebola, cebolinha e aipo, para os temperos que sempre recomendava para melhor paladar das refeições, nosso "Mestre-Cuca".

Dêsse projeto ficaram vestígios no artigo do Dr. Marques na revista "Educando" (publicação das ex-alunas da Escola de Aperfeiçoamento) com o canteiro-estrela, ilustrando o artigo. Apesar de engenhoso, o projeto

não ficou muito tempo nas experiências do autor. Já outros problemas preocupavam-no e em primeiro lugar o da ÁGUA. Problema magno no Brasil e em Minas metalúrgica. Não adiantava inventar estrélas para plantar couve e tomates se:

- a) não existir água para regá-las e
- b) se não for salubre.

A situação era a seguinte: no fundo da horta geral do ISER fluía, a dois metros pelo menos abaixo da área destinada a horta, o córrego Pantana. Como havia de trazer esta água baixa para as alturas da horta? E lá se via Dr. Marques consultando volumes velhos de Engenharia Rural para descobrir processos antigos da Roda, munida de baldes. Movida a manivela, a roda girava e os baldes apanhando água do córrego, despejavam-na nos canteiros da horta.

Resolvido esse problema, outro vinha à tona: a água do córrego era sabidamente infestada de Schistose, cujas cercárias jogadas diretamente nas plantas, certamente representavam perigo para a saúde de seus consumidores. Que fazer para tornar a água salubre?

E, em resposta, iniciativa: se o estudo da esquistossomose, de seu hospedeiro, o caramujo planorbídeo, da resistência das cercárias, via-se que depois de tudo examinado, novas medidas exigiam imediata execução do preparo de um reservatório, para depósito de água durante 12-18 horas, limite certo para tornar inocuas as cercárias. Ao mesmo tempo fazia-se a limpeza do córrego, livrando suas beiradas das plantas que sustentavam a vida dos caramujos (traparueba). Cavava-se outro reservatório, pois não paravam as experiências hidráulicas, nem a guerra biológica contra o inimigo dos homens. O novo processo já não consistia em roda com baldes em torno, difícil de manejar por pessoa pouco robusta.

Instalava-se um "braço" longo, de bambu-gigante, com apenas um balde numa de suas extremidades, enquanto outra firmava-se profundamente na área de cima. O braço, por um movimento de rotação e de descida, alcançava as águas do córrego e voltava, carregado de precioso líquido que despejado no novo reservatório, de 200 litros de capacidade, era submetida à ação de calagem - o que encurtava sensivelmente o prazo de sua desinfecção e da demora no tanque.

Assim, solucionava-se um a um, os problemas capitais da engenharia rural, cujos ensinamentos e prática cotidiana deviam ser assuntos de todas as escolas do meio rural. Cultivar a horta, sem água - ou com água poluída - ou abandonar o cultivo por falta de condições e continuar a deixar as populações rurais na miséria material e espiritual. O professor Marques Lisboa dava o resto de sua vida para ajudar as Escolas e solucionar esses problemas vitais.

*
E as GRANJINHAS? Quando é que realmente elas começaram a funcionar como tal? Houve um fato preciso, bastante concreto, que os desencan-deou na Fazenda do Rosário, há dez anos atrás.

Foi assim: a Fazenda do Rosário, desde 1953, recebia a colaboração e auxílios financeiros da Campanha Nacional de Educação Rural (CINER), do Ministério de Educação e, conseqüentemente, era freqüentemente visitada pelos técnicos - assistentes sociais, médicos, agrônomos, economistas... Via de regra, os pareceres eram favoráveis e a Fazenda do Rosário era alvo de francos elogios da Campanha.

Um dia, com a mudança da chefia geral, apareceu nestas bandas um novo técnico, engenheiro, do Ministério. A manhã era ensolarada, as alunas da Escola Normal Rural, de macacões azuis, fervilhavam nas hortas e nos serviços, limpando, cavando a terra, regando, cuidando das plantas... A im

pressão era das mais agradáveis e, aparentemente, bem consoante com a finalidade da Escola que formava professores para o meio rural. O "Clube Rural Dr. Rolfs" "estava de parabéns".

As coisas mudaram bastante, quando o agrônomo começou a dirigir perguntas as moças: "Qual a variedade de tomates estavam plantando?", "Que quantidade de adubo puseram nas covas?", "Qual o custo das sementes?", "Quando e quantos quilos de tomates esperavam colher?", "Que hortaliças iam plantar naquele canteiro preparado?", "Qual raças de suínos criavam?", "Quantas arrobas dava o porco adulto?", "Onde adquiriram os pintos de um dia?", "A que preço?", "Por que os canteiros são tão altos?", "Como estão tratando os laranjais?" ...

À minha surpresa, e sentindo-me como se toda a culpa coubesse a mim, via as moças caladas, encabuladas por não saber as coisas; ouvi as mais desembaraçadas, soltarem respostas bastante tolas, enquanto outras, li-vravam-se das questões dizendo que quem sabia de tudo isso era a presidente do clube e o professor... As reações dessas futuras mestras mostravam com clareza que o Clube Agrícola, como tal, naquela instituição não funcionava.

Apesar dos estatutos devidamente registrados, com todas as suas finalidades e objetivos educacionais, relatórios, balancetes dirigidos, geralmente, ao Ministério de Agricultura, os componentes do Clube não participavam conscientemente de suas atividades, não escolhiam deliberadamente este ou aquele trabalho nem lhes cabia a escolha livre de plantas a cultivar ou animais a criar. Em última análise, não tinham autonomia de trabalho nem se sentiam donas da empresa agrícola. Era o professor de agricultura que ensinava horticultura pelos processos tradicionais e mantinha práticas, numa escala bastante larga, visando com isso abastecer a Escola e melhorar a alimentação do internato. Louvável medida, certamente, mas que não preenchia todos os objetivos e condições de uma instituição democrática que a qual se ligava o Clube Rural.

Outro fato negativo e bem mais triste ainda desse trabalho imposto, é que as alunas, em sua maioria, detestavam as atividades agrícolas. Algumas "juravam" nunca mais pegar na enxada, uma vez fora da Escola.

A dinâmica das GRANJINHAS iniciou suas atividades no terreno do Clube Agrícola Fausto Teixeira, dos Cursos de Aperfeiçoamento de Professores, Inspectores e Supervisores rurais do Instituto Superior de Educação Rural (ISER) em 1957. Isso se deu logo após que o referido agrônomo, técnico da NCER, se retirou da Fazenda do Rosario e deixando vivo o sentimento de culpa e de vergonha (por que não dizer?) ao constatar a mesma carencia pedagógica nas respostas dos "clubistas" do ISER, as mesmas falhas, menos felizmente, a atitude negativa para com o trabalho de terra. Ao contrário, a maioria contagiada pelo entusiasmo do técnico agrícola Desiderius, emigrante húngaro, já se sentiam tomadas de amor a Mãe-terra.

Decidiram acabar com o formalismo e a indeterminação nas manifestações dos Clubes Agrícolas Escolares, resolvemos manter a instituição, legalizada perante o Ministério de Agricultura, como órgão de administração, dentro do qual enxertamos células vivas, dinâmicas, animadas de uma autêntica filosofia de educação funcional - as GRANJINHAS REUNIDAS DR. MARQUES LISBOA.

Considerarei a experiência anterior dos Clubes Agrícolas como um passado cheio de "bons erros" e a visita do fiscal da CNER como ponto decisivo para a tomada de consciência desses erros e convite para evita-los em futuras realizações. Assim, há 10 anos que as GRANJINHAS funcionam. Na presença do Dr. Marques, seu inspirador, o funcionamento completo abrangia áreas variadas, com setores vegetais, animais, de engenharia rural e de indústrias caseiras, ou economia doméstica. Na ausência do grande Mestre, as

atividades se reduziam, porém nunca lhes faltou seu profundo senso pedagógico e a poderosa mola da cooperação social de seus componentes.

As GRANJINHAS REUNIDAS DR. MARQUES LISBOA continuam a vicejar nos terrenos do ISRR. Um tanto rotineiras, às vezes estremecem à lembrança de que constituem um legado quase sagrado do Amigo temporariamente ausente ou desaparecido para sempre. E novos impulsos animam o "povo" de cada Granjinha a gritar "Eureka!" ao descobrir algo de inédito e a introduzir mais algum elemento ao PROJETO primitivo, ou mais um significativo detalhe no corpo da UNIDADE DIÁTICA em que se transformou o método, após repetidas ensaios e experiências acumuladas pelas sucessivas gerações de cursistas do Instituto Superior de Educação Rural.

As GRANJINHAS estão se espalhando, surgindo em novos territórios e penetrando no âmbito dos interesses infantis, juvenis, de adultos cultos ou analfabetos, lá encontrando a motivação suficiente para lhes garantir sua brevidade.

Um maravilhoso impulso, verdadeiro toque de condão mágico, lhes vem agora da UNESCO, por intermédio do notável educador, Professor Alejandro Covarrubias.

Percebeu nelas valores reais, vantagens autênticas para a Escola Rural e colocou-as em seu grande coração de Paladino do Campo e defensor do homem rural.

Com esta homenagem prestada à memória de HENRIQUE MARQUES LISBOA, AMIGO E MESTRE, no primeiro decênio de funcionamento de suas GRANJINHAS e com tão auspiciosas perspectivas para o futuro desta instituição escolar, é como se um monumento belo e perene se erguesse nesse instante, tal um chafariz de águas constantes, a oferecer sua dádiva a quem dela precisar...

a) Helena Antipoff.

Em seu livro: "El Metodo de Projeto en las Escuelas Rurales", Fernando Sainz faz a seguinte pergunta: "Que chega de todo processo de renovação decantado em imensa literatura, que chega de propalado dinamismo às nossas escolas rurais?"

Respondendo a esta e a outras tantas, formuladas em 20 anos de intenso e contínuo trabalho no campo de educação rural, a professora HELENA ANTIPOFF analisa, procura, compara métodos de trabalhos práticos. Nos Cursos do Instituto Superior de Educação Rural (ISER) na Fazenda do Rosário, Minas Gerais, Brasil, baseando-se em métodos científicos, preocupa-se a ilustre educadora em escolher, ou mesmo criar, novos processos de ensino e de atividade que dinamizem o trabalho em nossas escolas rurais.

De 1957 para cá, experimenta-se o Método de Projetos, numa das mais interessantes atividades - "Granjinhas Escolares".

Dentro do Projeto Pilôto, outras tantas se desenvolvem; cada uma das quais repousam em princípios da aprendizagem:

- a) haver motivação, respondendo aos interesses dos participantes;
- b) haver estudo prévio no conjunto e nos detalhes, para devido planejamento;
- c) haver organização, de modo a que se distribuam as tarefas, equitativamente entre os participantes;
- d) haver assessoria permanente por pessoas competentes;
- e) ser levado à fase final sob forma concreta e ser apresentada em seu objetivo e em sua utilidade previstas;
- f) possibilitar a transferência de quanto foi sentido e praticado;
- g) haver controle objetivo do trabalho realizado durante a execução do projeto, para que se avalie de seu valor, de seus erros, de suas possibilidades e recursos.

Bem claramente, deve o método servir à Escola, ao professor, às crianças, com ensino condizente ao nível de desenvolvimento social, econômico, cultural, espiritual. Deve ser tão claro, tão elementar, que nada escape de essencial à criança de 7 a 11 anos, nem tampouco, ao professor. Ele mesmo, às vezes, é tão elementarmente preparado, não só pela ausência de Escolas, mas, e, principalmente, pela própria vida. Que esses conhecimentos e essas práticas possam dinamizar a primitiva escolinha.

HISTÓRICO

Vieram as "Granjinhas Escolares", da inspiração do Dr. Henrique Marques Lisboa, professor catedrático da Faculdade de Medicina de Minas Gerais, cuja aposentadoria lançou, com entusiasmo, ao ensino de Ciências Naturais, nos cursos primário e normal do Estado.

Por que "Granjinhas"? Porque talvez sejam elas, uma parcela viva na luta contra a desnutrição de nossa gente, contra o permanente estado de fome em que vivem as populações rurais.

Impressiona, angustia a quantas lutam pelo levantamento de vida do rurícola, a falta de alimentos em seus lares! Não morre, às vezes, mas é certo que o homem do campo, em meio à pujança de nossa terra, curte as dores da fome, sofre a decadência física da desnutrição.

Quem o poderá libertar, senão a Escola? Só ela lhe pode oferecer a redenção.

Daí, a experiência: procura de processos mais eficientes, treino do professor para os dominar, treino dos escolares na execução das tarefas, transferências de quanto se receber, para a família e a comunidade.

Nada nos pareceu melhor, nesse caso, do que o MÉTODO DE PROJETOS.

No ISER há oportunidade para um bom trabalho, para uma preparação em bases reais, porque há diversidade de Cursos; correspondem eles à estrutura educacional do nosso Estado.

Funciona, pois, simultaneamente:

- a) Curso de Supervisores de Ensino Rural - para diretores técnicos de Grupos Escolares e Inspetores de Ensino.
- b) Curso de Orientadores-adjuntos de Ensino Rural, para professores normalistas.
- c) Curso de Treinamento - para professores rurais leigos (sem curso normal).

São esses três elementos que, em trabalho de equipe, planejam, orientam e executam. Essa atividade traz as mais variadas oportunidades; os supervisores interessam-se mais, por exemplo, pelos aspectos ligados à pedagogia, a administração; os orientadores, porque vão mais de perto assistir as Escolinhas, interessam-se visivelmente pelos problemas vitais dessas: abastecimento de água, higiene, material escolar, alimentação, saúde, o cultivo das plantas ornamentais ou medicinais, a cerca de bambu, a esterqueira, a criação de aves, o aproveitamento da matéria prima, e tantos outros que oferecem margem para pequenos projetos dentro do projeto piloto; por esses problemas todos vai ser o maior interesse da regente de classe, ao lado de outro de igual importância: o estudo dos Programas de Ensino, bem entoados ali.

No desenvolvimento de cada projeto existe algo de significação e "viver situações significativas e que leva ao amadurecimento". (Maria Junqueira Schmidt - Educar pela recreação.)

QUE É "GRANJINHA ESCOLAR"

É uma instituição que tem vida dentro do sistema total dos trabalhos de uma Escola Rural, no nosso caso, pois será da mesma utilidade dentro de uma Escola urbana, vida essa sustentada pelo método de projeto. Fisicamente, é uma área de 20 metros quadrados, muito de propósito assim determinada para mais identificar-se com as possibilidades de nossas escolinhas, quase sempre pobres de dimensão em seu terreno livre, quase sempre desprovidas de água fácil; além do mais há possibilidade de demonstrar o valor de práticas agrícolas racionais no rendimento da produção, numa área assim pequena, num aproveitamento total plantam-se as hortaliças mais variadas, além de flores que, vendidas, têm custeado as despesas da Granjinha e dado lucro.

Do ponto de vista educativo é material rico, pois ali se processam as relações mais diversas entre as equipes e seus membros e ali se desenvolvem estudos de língua, de matemática, de ciências, de estudos sociais, de civismo, de religião.

A "Granjinha", assim vista, é, pois, o símbolo vivo da Escola, representando a adequação mais perfeita do ensino às condições de vida rural, de suas necessidades, de seus recursos.

Na nossa experiência, pertence ela ao Clube Agrícola, que é hoje uma grande realização no INER.

Com o decorrer dos trabalhos, levantamento de dados e opiniões, conclui-se pela possibilidade de três tipos dessa atividade escolar: A GRANJINHA, cuja área varia de 20 m² a 500 m², a GRANJETA, com área inferior a 20 m², e a GRANJA, cuja área seria igual ou superior a meio hectare (... 5.000 m²).

Será o caso de se experimentar. Até onde haverá vantagem de área maior? Oportunidade para grupos maiores de crianças? Cultivo de mais variedades de hortaliças, ou trato com pequena lavoura?

E com área inferior?

Por outro lado, os três tipos sugeridos serviriam para um confronto; inclusive, a nosso ver, poder-se-ia cultivar a "Granjinha" ou a "Granjeta" com as melhores técnicas, enquanto que a ampla área da Granja seria cultivada empiricamente, ou com métodos ultrapassados. Serviria isso para demonstrar, objetivamente, que uma área pequena, cultivada com os devidos cuidados, poderá produzir tanto ou mais que as grandes áreas mal aproveitadas e precariamente cuidadas do ponto de vista do desenvolvimento do sentimento econômico será educativo.

Latifúndios? Minifúndios?

OBJETIVOS

O objetivo principal foi e é a campanha a que poderemos denominar "campanha contra a fome, através da educação". A esse objetivo principal, seguem-se outros, não menos importantes: pesquisas psicológicas, pedagógicas, sociológicas, procura de métodos e processos mais eficientes para educação não, apenas, de crianças, mas de adultos semi-cultos (professores rurais e não normalistas), estudo e entrosamento das matérias escolares em vigor no Programa do Curso Primário do Estado de Minas, orientação e observação do trabalho simultâneo de três categorias do magistério do Estado (supervisores, orientadores e regentes de classe), treinamento desse trabalho, para o realizarem em seus municípios; desenvolvimento integral das crianças pela formação de hábitos individuais de trabalho, de hábitos sociais, de prática de colaboração e civismo; vencer a atitude negativa dos pais pelo trabalho agrícola de seus filhos na Escola, trabalho esse, aliás, dos mais desejados e queridos pelas crianças.

Há, entretanto, outra razão para a experiência: dar oportunidade para em ambiente real, estabelecerem-se bons hábitos de vida comunitária, de relações humanas, estão ali, ao mesmo lado, procurando soluções para os mesmos problemas, planejando, executando indivíduos que se deparam, quase sempre pela primeira vez, de níveis sociais e de instrução nunca iguais, de hierarquia diferentes dentro do Magistério Primário.

E já se pode mesmo pensar em formar uma cooperativa da produção - pois, com três anos de experiência, há um razoável funcionamento de cada Granjinha isoladamente e no conjunto delas, a que se denomina hoje "Granjinas Reunidas Professor Marques Lisboa".

MOTIVAÇÃO

Será preciso e isso foi feito, um período preparatório, durante o qual não só o interesse e a atenção fossem despertadas para o assunto, mas que a atitude favorável à execução do projeto nascesse e se formasse. Antes mesmo de falarmos em "Granjinhas", foram as professoras-allynas perpassando conosco as cenas cruciantes da vida rural mineira, que são iguais, via de regra, a todas as cenas reais brasileiras dos sítios, das fazendas,

das colônias... As terras mal aproveitadas, a higiene descuidada, o verme, as endemias, o fatalismo do povo. E a Escola, única marca de civilização às vezes tornando-se comparsa do drama e agente parcial, inconsciente, do êxodo dos campos, alfabetização sem educar, mostrando melhores possibilidades, acenando com vida de mais conforto e divertimento, sem entretanto, dar-lhes oportunidades melhores dentro do próprio meio, porque lhes nega instrumentos para isso, omitindo-se na sagrada tarefa de educar. Mas a Escola vê que pertence o mister de modificar a comunidade. Podê-lo-á, porém, fazer com a "Escola assentada", com as crianças rigidamente enfileiradas, com o quadro negro coberto de números brancos inexpressivos, divorciados da vida? Que influência sensível as nossas Escolas Rurais tiveram até hoje no desenvolvimento social ou econômico do Estado ou de uma de suas regiões?

Métodos inadequados, atividades sem planejamento eis o que nos parece contribuir para o insucesso da educação.

Conversando, ouvindo e opinando, chegou-se a levar o grupo a concluir acerca da necessidade e da possibilidade de incluir nas atividades da Escola - por motivos de ordem psicológica com relação ao aluno, de ordem social e econômica, com relação aos problemas angustiantes dos nossos dias, e de ordem didática para haver fonte perene de material concreto - o cultivo da terra, a produção agrícola, a criação de pequenos animais. Mas como? De que maneira? E as dificuldades - pouco terreno, pouca água ou água distante, oposição dos pais ao trabalho do campo por parte de seus filhos que, segundo eles, vão ali para aprender a ler e fazer contas, vão para "estudar". Não há professor rural que deixasse de receber recados assim.

Tôdas as crianças, no entanto, gostam de atividades agrícolas e é fenômeno comum também nas zonas; em Grupos Escolares há, muitas vezes, belos jardins, hortinhas ou Clubes Agrícolas tratados com zelo e alegria por elas. A chave do problema é a apresentação. Daí, a necessidade de se lhes mostrar um plano vivo, diferente, com o valor de novidade, com características de um jogo capaz de entreter a maior parte dos instintos e dos interesses infantis, capaz de lhes aguçar ou alimentar a curiosidade, de provocar a manifestação da inteligência, da vontade. Ser-lhes-á, por isso, entregue um "Grande brinquedo", um jogo de competição dos mais apaixonantes: uma "Granjinha" que lhes pertencerá, que lhes exigirá planos, trabalho, colaboração mútua, que lhes trará, depois, compensadores frutos.

Há que nos preparar para levar às nossas Escolas êsse grande, êsse precioso brinquedo.

E então...

É êsse o ponto inicial da experiência nos Grupos do ISER, no ano de 1957, experiência repetida anos seguidos até 1967, sempre modificada em vários aspectos, sempre oferecendo resultados positivos.

MOTIVAÇÃO EXTERNA

Das três categorias de elementos do Magistério primário que vêm para os nossos Cursos, apenas uma delas, a de regentes de classes em zonas rurais, se compõe de indivíduos habilitados, pelo menos em parte, ao trabalho do meio rural.

Tal confirmação nos vem de "diários" da primeira turma dos quais transcrevemos alguns pequenos trechos:

"... a pouca ou nenhuma experiência de assuntos agrícolas que a

supervisora e as orientadoras de Granjinha nº 5 apresentam..." "... "a nossa inexperiência se acentuou na hora de fazer o estaleiro de emergência para acudir o pe de feijão... Nunca vi e senti tanta falta de jeito..." "... "a área continuou a ser cavada pelas professoras rurais. O serviço era muito pesado e progredia muito lentamente. Tentei ajudar as moças, mas não apresentei grande habilidade. A orientadora nem tentou fazê-lo".

"Quanto às orientadoras e a supervisora são completamente estranhas aos assuntos de agricultura e atravessam um período difícil de adaptação". (Trechos de diários de supervisoras.) "... "duas das professoras rurais apresentam maior cabedal de experiências agrícolas. Nota-se isso, facilmente, pela habilidade e desenvoltura com que manejam as ferramentas e resolvem os problemas práticos da "Granjinha". (Do diário de uma supervisora referindo-se às professoras regentes de classes rurais.)

Daí, a decisão, realizada a partir de então, de se convocar, com intervalo de uma semana cada vez, primeiramente, as diretoras-técnicas (Curso de Supervisoras) depois as normalistas de Grupos Escolares (Curso de Orientadoras) e, só então, os regentes de classes (Curso de Treinamento).

Há, pois, período de contato com a natureza, com dois aspectos :

a) livre - em que se sintam frente a frente com a vida vegetal que brota, cresce, que se desdobra e se modifica e com o misterioso encanto da vida animal que movimenta a paisagem; podem sentir a doçura repulsante da "voz das coisas", enquanto sentem a vibração da terra que se projeta em novas realidades;

b) orientação - em que ouvem a voz dos professores alertando-os para compreenderem a paisagem e a vida, dando-lhes as primeiras noções de agricultura indispensáveis ao futuro trabalho nas "Granjinhas". É o trabalho prático se faz no Clube Agrícola. Sem isso, de um lado, haveria o desinteresse pelas coisas circundantes, de outro, a interrupção constante do trabalho, por perguntas elementares ligadas aos primeiros conhecimentos agrícolas.

Esse período coloca os elementos em posição, senão de igualdade, pelo menos, de certo equilíbrio diante daquele professor rural sem preparo técnico-pedagógico, mas muito vivido em experiências da vida do campo. Sem isso, faltaria a necessária base de confiança desse professor para com os outros elementos, que, no caso, serão os seus orientadores, os seus chefes, numa situação de treino que é a mesma a enfrentar lá fora.

Uma vez reunidas, ainda não é o momento imediato de se iniciar o trabalho planejado pela coordenadora dos Cursos.

Haverá a motivação para a equipe completa.

É isso se faz, durante alguns dias, em reuniões gerais, com discussão aberta de experiências vividas ou sentidas, com análises justas da premente situação da vida de nossa gente rural; e o problema da fome, da desnutrição, do abandono moral e social, do fatalismo vai sendo apresentado; sente-se descaso de autoridades governamentais e educacionais (a estas caberia a maior parcela de culpa, se o governo lhes houvesse dado equipamento técnico-pedagógico para uso de suas funções).

São dias de análises, de pensamentos, de expectativa, de busca.

Habilmente encaminhadas, as discussões levam à meta: recurso para modificar o panorama sombrio de nossos irmãos ruralistas - recursos parciais da Escola, capazes de formar bons hábitos.

Instituições são estudadas sob os aspectos em que mais favorecem a mudança ou a formação de hábitos necessários a uma vida melhor, individual e socialmente; e entre elas, é claro, há as "Granjinhas", que são,

ai, apresentadas tal qual foram idealizadas e entram em pauta especial de estudos. Cerca de uma semana emprega-se nesse período, para só depois, decidirem-se pela experiência.

Resumindo, vemos que foram reconsiderados, no período preparatório:

1. Treinamento de supervisores e orientadores.
2. Encontro da equipe completa: supervisores, orientadores e regentes de classes em zonas rurais.
3. Apresentação dos problemas mais comuns e graves das comunidades rurais por relatórios e experiências sentidas e vividas: fome, desnutrição, endemias, abandono moral, social e governamental, fatalismo.
4. Responsabilidade do Governo e Escola na solução dos problemas.
5. Recursos que a Escola pode e deve oferecer.
6. Apresentação e estudo do plano das Granjinhas.
7. Para êxito da experiência, necessário se torna uma equipe de docentes bem preparados para assessorar. Sem isso, a dispersão de planos, de atividades dentro desses, anularão qualquer possível resultado na prática do momento e na prática futura, que é a mais importante e em razão da qual a experiência é feita.

Quando o trabalho se for realizar com classes elementares, haverá necessidade do período preparatório bem feito.

MOVIMENTO DAS GRANJINHAS

a) Composição das equipes

É o primeiro passo. Pensa-se, sempre que possível, reunir seus membros de acordo com sua procedência. Haverá, assim, vantagem de um trabalho com material comum ou adaptável às regiões e de haver um bom treinamento do grupo que irá, junto, continuar o trabalho. Não se poderá, entre tanto, impedir que se organizem por afinidades pessoais.

b) Visita aos lotes

Importante, antes do início das atividades do Projeto.

Vem-nos, à memória, as diversas reações humanas diante de um terreno: a criança do sexo feminino teve medo de pisar no mato por causa de bichos... o menino simplesmente dara ali vários cambalhotas... o adulto analfabeto, de imediato, pensava no plantio, sem planejar... o adulto culto pensará primeiramente no levantamento da planta, na análise da terra, nas condições meteorológicas locais, na possibilidade de auferir melhores colheitas e mais compensadores lucros... o professor que vai iniciar o trabalho com seus alunos sentirá responsabilidade, receio de não atingir os objetivos.

Para o estudo do comportamento já teremos, a partir daí, um campo real.

A criança será capaz de planejar seu trabalho? Será capaz de traçar a planta? Bem motivada, bem preparada, tendo sua observação despertada e mantida, acreditamos que sim.

Nessa visita aos lotes haverá ocasião para práticas educativas que não poderão ser postas de lado. Vejamos: na compra de um terreno há várias etapas antecedentes, como, por exemplo:

1. Entabular negociações - é o período dos primeiros contatos entre proprietário e pretense comprador; aquele apresenta as características do terreno que oferece e o preço, a seu ver, justo; há troca de esclarecimentos.

2. Visita ao terreno oferecido - Topografia, qualidade de sua terra, aguada, reserva florestal, são pontos essenciais a considerar.

3. Inventário geral - o proprietário apresenta, globalmente, o que ali existe: cercas, plantas, animais.

4. Avaliação - um terreno mais plano, boa aguada, bem demarcado, valerá mais, pois dispenderá menos mão de obra, não estará sujeito a erosões graves, estará a salvo de questões de limites. As vias de comunicação, a proximidade dos centros consumidores também será avaliada. Dentro do que foi constatado poderá o pretense comprador deduzir se a proposta do vendedor foi justa.

5. Limites - verificar se o terreno está devidamente delimitado é dever que se impõe, a fim de se evitar dissaborés, às vezes, extremamente graves.

As crônicas policiais registram, com frequência, homicídios resultantes de desavenças entre vizinhos rurais.

Temos, infelizmente, um caso de homicídio ocorrido na cidade de Viçosa, próximo ao Centro Regional de Treinamento de Professores Rurais, em que pai e filho foram atingidos mortalmente por um vizinho, por desacerto em uns poucos palmos de terra na divisa das propriedades!

Talvez a importância que a Escola dê à questão de limite resulte em que muitas vidas sejam poupadas.

Já é tempo de o homem usufruir seus direitos sem força bruta, sem violências primitivas, mas à luz da razão e da ordem jurídica. A responsabilidade da Escola é vital nesse caso.

6. Fechar ou não o negócio - uma vez decidida a compra, a palavra empenhada deve ter valor de lei; houve tempo para a decisão.

Muitas oportunidades as Granjinhas darão para o exercício desse atributo.

Mas, continuemos a falar da experiência do ISDR.

c) Entrega dos lotes

Temos como critério mais justo na distribuição dos lotes, o sorteio, visto haver mais planos ou com declives, maiores ou menores, terrenos mais próximos ou mais distantes da água, mais próximo ou mais distante do local onde se faz a criação de pequenos animais.

Nem sempre faltam as reclamações; todas as equipes gostariam de possuir terrenos bons, planos, próximos da água... Suas necessidades, ou melhor, reclamações, são fontes educativas, que o espírito esclarecido de Helena Antipoff faz jorrar em abundância.

Vejamos. São palavras de um dos diários de supervisora, do ano de 1957: "... recebemos o lote 5. Nesta manhã fomos ao terreno do Clube Agrícola tomar posse do lote que iríamos usufruir durante algum tempo. Mas a demarcação ainda não estava feita e tivemos uma vaga idéia da sua localização. Mesmo assim, logo tivemos a certeza de que não sera dos melhores (tem um declive bastante sensível). Isso não era problema. Poderíamos, agora, responder a uma pergunta que, momentos antes, D. Helena nos fizera, no salão. Foi assim: chamada, em primeiro lugar para o sorteio, fizemos uma brincadeira: só não escolheremos o melhor se não formos espertos. En-

tão, D. Helena perguntou: -- "Que é que a senhora entende por melhor? Melhor é o lote numero 5 porque está entre os que oferecem maiores dificuldades e, portanto, maior possibilidade de trabalho no sentido pedagógico".

Está aí uma primeira lição, transformada em força viva, como objetivaremos, com a transcrição de mais um trecho de diário da mesma equipe:

..." Não nos foi possível uma planta mais interessante, devido a declividade do terreno que, segundo o aparelho, acusa 15%. Atendemos, então, mais a parte prática, abandonando a estética. Com bambu, estacas, palhas, procuramos fazer um arrimo na bordura dos canteiros para firmar a terra e fizemos cratera para captar a água. Nossa experiencia deu resultado, pois choveu e a terra conservou-se firme".

d) Contrato de Locação

Mais dentro da realidade se enquadraram as Granjinhas a partir de 1959, quando foi introduzido o "Contrato de Locação". Nesse particular, fomos auxiliados pela ACAR (Associação de Crédito e Assistência Rural), pelo escritorio regional de Belo Horizonte.

Eis o contrato:

CONTRATO DE LOCAÇÃO QUE FAZEM COMO LOCADOR O "CLUBE AGRÍCOLA FAUSTO TEIXEIRA" Nº 2292 E COMO LOCATÁRIO A GRANJINHA CONFORME AS SEGUINTE CLÁUSULAS:

- 1ª. A área ora locada é de 20 metros quadrados.
- 2ª. Está situada no recinto da horta do "Clube Agrícola", com a denominação de
- 3ª. O terreno é entregue ao locatário em sua forma natural, como se apresenta na ocasião do contrato. Devidamente avaliado e inventariado.
- 4ª. O locatário poderá explorar a área locada como melhor lhe aprouver, satisfeitas, naturalmente, as exigências do Curso.
- 5ª. O saldo credor ou devedor que, por ventura, houver no vencimento do contrato, reverterá ao locador.
- 6ª. O prazo do vencimento do presente, corresponderá ao período do Curso do ISER.
- 7ª. OBRIGAÇÕES DOS CONTRATANTES:
 - A. Do Locador:
 - a. fornecer ao locatário todos os materiais necessários à exploração da area, tais como: moirões de cerca, arame, bambu, sementes, mudas, adubos, inseticidas, fungicidas etc. ao preço de custo, com tabilidade na conta corrente do locatário.
 - b. fornecer, a título de empréstimo, ferramentas, utensílios e todo o material necessário.
 - c. fornecer água para irrigação das culturas e uso da criação.
 - d. aceitar como pagamento, no vencimento do contrato, as culturas e criação existentes, avaliadas por uma comissão aceita pelas partes contratantes.
 - B. Do Locatário:
 - a. explorar racionalmente o terreno, devolvendo-o ao locador, no vencimento do contrato, nas melhores condições possíveis de fertilidade.
 - b. usar os utensílios e todo o material cedido ou emprestado pelo locador, conscienciosamente, procurando conserva-lo.
 - c. entregar, no vencimento do contrato, o terreno totalmente aproveitado com culturas ou criações que não exijam maiores cuidados, nos períodos de ferias ou intervalo entre os Cursos.

- d. requerer ao locador, por escrito todos os utensílios e material necessário a exploração da área locada.
- e. pagar o débito contraído com o locador, entregando os frutos da produção na época da colheita, avaliados pelo preço vigente no mercado local.

8º. E por assim ser convencionado, firmamos com as testemunhas abaixo, este documento, em duas vias.

Fazenda do Rosário, ISER, de de 19.....

Pelo Locador

Pelo Locatário

Testemunhas:
.....

As experiências demonstram ser negativo o abandono das Granjinhas durante férias ou intervalo de Cursos.

Nas cadernetas individuais de fim do Curso encontramos muitas vezes o pedido de modificação do Contrato na parte referente às obrigações do locador; sugerem uma cláusula que o obrigue ao trato indispensável das plantas e criações nos períodos citados, o que achamos razoável e útil. Poderá ser introduzida.

e) Período Preparatório

Assinado o contrato de locação, entrando na posse do terreno, começam as primeiras atividades, ricas em experiências e oportunidades para o desenvolvimento da curiosidade e da observação; saber observar, recolher e catalogar as observações e aproveitá-las em futuras atividades é muito importante.

"Olhar é uma coisa. Ver aquilo para que se olha é outra coisa. Agir com base no que se aprende é o que realmente importa".

Iniciando-se a exploração do terreno, inicia-se também, o inventário, desta feita com minuciosos detalhes. É atividade de tal riqueza educativa, que nos obrigamos a lhe dar grande ênfase e a repeti-la nas sucessivas etapas do trabalho.

Esse inventário dará o exato conhecimento do acervo, ao mesmo tempo em que sugere as mais diferentes ações:

a) Recolher amostras - de todas as plantas: comestíveis, forrageiras, medicinais, ornamentais, tóxicas, invasoras; de todos os insetos úteis ou nocivos, para os classificar sob orientação do professor de Ciências Naturais e do técnico agrícola passando, em seguida, a fazer parte do Museu Mirim se houver importância para isso. As plantas sadias e as plantas doentes, pela diferença de seu aspecto, podem levar a futuras observações do professor quanto ao aspecto sadio ou doente de seus alunos.

b) Estudo da composição do terreno - análise das camadas da terra, deliberação das espécies de culturas.

c) Estudo do tempo e das estações - partindo da realidade no momento do início dos trabalhos, situam as culturas, a floração das árvores nativas de acordo com as estações que aqui quase se resumem em: seca e chuvosa; a primavera, no entanto, se faz anunciar pelo lançamento das belas flores

amarelas dos ipês que emolduram toda a paisagem da Fazenda do Rosário.

A criação dos pequenos animais também se condiciona, às vezes no tempo; é o caso da chocca e criação dos pintinhos, difícil na estação chuvosa se não houver chocadeira e criadeira elétrica ou a querosene, cousas nada comuns no nosso meio rural.

d. Revisão dos limites - sempre é feita com a presença das equipes ou de seus representantes. Nosso objetivo é a prática de uma situação real: há necessidade do respeito à propriedade alheia, ao cumprimento de regras estabelecidas. Nem sempre é fácil deixar-se para o vizinho um belo pé de flores ou frutos que um limite mal traçado deixara do lado de cá. Mas...

e. Vedação do terreno - problemas criados pela invasão das culturas por animais de vizinho ou invasão de pessoas estranhas que, uma vez instaladas dificilmente serão removidas, fazem parte da vida do homem rural e quase sempre trazem a morte por triste solução. Aqui mesmo, na Fazenda do Rosário, próximo ao ISER, um senhor teve morte cruel às mãos do vizinho cujas terras de cultura haviam sido invadidas por seus animais.

Desmorona-se um lar, atingidas ficam duas famílias, quando a solução seria reforçar a cerca ou procurar medidas de mútuo entendimento ou caminhos legais para a contenda.

É preciso educar para viver.

Nas Granjinhas, como nos contam trechos de diários, também acontecem invasões de animais dos vizinhos, obrigando-nos a providências que, dentro de normas sensatas levam desfechos satisfatórios que um nada afetam a cordialidade e a boa convivência.

Dai, a grande atenção ao problema das cercas e portões. Ao lado desse aspecto social, surgem os diferentes estudos: como deve ser a cerca? De que materiais? Onde achar os moirões? Quando corta-los? Vamos aceitar a prática do roceiro que corta árvores na lua minguante "porque a seiva está mais baixa e a árvore menos umida"? Que há de verdade nisso? Ou em que estação do ano cortaremos os moirões para que resistam mais? O emprego do bambu servirá bem? Seria certa sua utilização em grande escala o que pouparia o sacrifício da árvore?

O portão tem uma história na vida rural, portão e porteira são marcos de limite e enchem a imensidão dos campos em o ecoar seco de suas batidas...

Nas Granjinhas, damos importância ao portão e estimulamos a prática dos mais variados feitios, havendo concursos e prêmios. A arte de idealizar, de inventar a habilidade de realizar ali se manifestam, ao lado do espírito de crítica, de emulação! Formas diferentes, fechados os mais engenhosos, Houve o caso de emprego de molas retiradas de cama patente no portão, impedindo-o de ficar aberto! Seja qual for, porém, o feitio ou o fecho, a finalidade deverá ser observada - impedir invasão. Dai, as múltiplas diversidades de tamanho, de resistência.

O material usado nesse portão foi: madeira, bambu, pano ou cordão, tijolo.

- Descrição:
1. pedaço retangular de madeira preso a um moirão do vizinho (a) e girando sobre uma haste de madeira (b) do portão. Descansa sobre o moirão (c).
 2. Nó de bambu. A haste de madeira (3) gira dentro dele.
 3. Haste de madeira.

4. Tira de pano ou cordão amarrada à haste, que termina o portão. Essa tira descansa sobre uma bifurcação de moirão "d" e tem um péso na ponta "5".
5. Tijolo (partido) com uma argola de arame "e" onde está amarrada a tira.

- Mecanismo:
1. para abrir, pode-se:
 - a. meter o pé na parte inferior do portão e puxá-lo
 - b. usar a mão na parte inferior do portão
 2. ao movimentar o portão:
 - a. a haste 3 gira nas peças 1 e 2
 - b. o cordão é puxado, subindo o tijolo com êle
 3. para fechar, basta soltar o portão: o tijolo desce, fazendo a tira escorregar sobre a bifurcação do tronco "d".

Continuamos a descrever as atividades do período preparatório, descreveremos 5; seguiremos, da 5a., que receberá a letra:

f. Planta do terreno - levantada e planta geral pela equipe, faz-se, ali mesmo, a distribuição dos canteiros, havendo concurso e prêmios para a equipe que, dentro daquele espaço, conseguir maior área cultivável, mais formas geométricas e mais harmonia da distribuição dos canteiros e das passagens.

g. Ferramentas - estudo de formas, de utilidade e manejo das ferramentas antecede as atividades práticas. Material, acabamento, valor, tudo é considerado: porque aço e não o ferro é o preferido? Por que a forma da enxada? Do ancinho? Da foice? Por que os tamanhos diferentes dos cabos?

Como participar o corpo humano no uso da ferramenta? Que músculos são movimentados ao se manejar uma ou outra ferramenta? As dores sentidas - localiza-las no próprio corpo. Que são os calos e por que se formam e onde são mais frequentes? Por que a maneira de segurar o cabo da ferramenta influe para menor ou maior fadiga? O valor da alavanca etc.

Após o período preparatório, começamos os trabalhos de culturas e criação. Transcreveremos notas de Diários, que nos levarão ao convívio das Granjinhas; algumas delas referem-se ao período preparatório mas são de tal maneira úteis que nos nos sentiremos responsáveis pela omissão:

"Assinado o contrato de locação, a equipe toma posse do lote, para dele fazer o melhor uso, ficando bem clara, entretanto, que não lhe pertence, mas lhe é emprestado".

Vejamos o que nos diz outros trechos de diários:

"...não sabíamos mesmo, como começar. De minha parte, senti um grande péso, quando, ainda de braços cruzados, nos primeiros momentos deste dia, Geni de Oliveira, presidente do Clube Agrícola, se aproximou do nosso lote e disse: - Ai está o terreno de vocês. Podem começar o trabalho. Disponham dele, no serviço, como acharem mais interessante.

Indiscutivelmente, estávamos sendo investidas de uma grande responsabilidade.

Nesse ponto, paramos um pouco para observar o que havia na propriedade o que tinha que ser respeitado, especialmente porque recebíamos a propriedade para usufruir dela, apenas. Não compramos o lote".

"As plantas do lote receberam os primeiros cuidados. As pedras e tijolos encontrados foram retirados ou afastados. Começou-se então a escavação do solo..."

"O terreno recebido (20m²) não tinha sido ainda cultivado, razão pela qual levamos quatro dias para prepará-lo, depois de arrancarmos alguns pés de mandioca que foram creditados ao ISER. Com auxílio de enxadão, cavamos toda a área em trabalho contínuo... Como vamos distribuir os nossos canteiros? Levando em consideração o declive do terreno, resolvemos formá-los em banquetas... Como proteção ao 1º e 2º canteiro, fincamos estacas de paus e bambus, trançamos taquaras e amarramos com fibras de bananeiras..."

"... foi feito acima do lote um esgôto, como meio de defesa contra a erosão e enxurrada. Para adubação dos canteiros foram usados 10 latas de 20 litros de estêrco de animal, a $\text{R}\$ 4,00$ velhos a lata, num total de $\text{R}\$ 40,00$ velhos. Os canteiros foram todos identificados com tabuletas trazendo o nome e a data do que foi semeado e plantado. Depois do terreno já preparado, entramos em discussão para se resolver o que seria plantado, através de minucioso estudo acerca da época, sua duração, valor alimentício e aproveitamento na merenda escolar.

No centro do lote foi colocado uma tabuleta com o nome "Alecrim", título êste escolhido pelas professoras rurais, por ser êsse vegetal uma planta do campo... Em zootecnia recebemos um casal de coelhos doados por D. Blandina, os quais receberam tratos diários de folhas de couve, sobras de comida, milho, e água limpa. Sobre eles, fizemos um bom estudo, que será dito mais abaixo no entrosamento das matérias. Com pesar, no dia 24 de novembro, morreu um coelhinho que fora atacado por um cachorro de nossa vizinhança.

"... Fora a área de 20 m² ainda recebemos para nossos cuidados, 2 canteiros de 6,10m de comprimento por 1,10 m de largura, onde fizemos o plantio de 180 grãos de soja Goiás em nº de 3 fileiras com 20 covas cada uma em sentido triangular. Em cada cova plantamos 3 grãos de soja. Fizemos ainda o plantio de soja em 4 fileiras e meia... num total de 3 728 sementes e 1 243 covas. Fizemos, também o plantio de milho em 6 fileiras; as covas num total de 968 e sementes num total de 2 904 - três grãos em cada cova.

No dia 11 de outubro, aproveitando o plantio do milho, tivemos uma palestra com as professoras rurais, sobre o valor, utilidade e melhor aproveitamento do milho e seus derivados.

Fizemos o plantio de 8 sementes de café de pobre e dois dias depois foram plantadas outras, para observação de diferença de germinação.

(Do relatório de "Granjinha do Alecrim" - 1957)

... Pelo lote nº 1, marcamos o nosso. Depois, conferimos o alinhamento, passando a trena do lote nº 1 ao 8.

... O solo foi cavado com enxada e enxadão. Depois de cavada, o acertamos. Tivemos muito pouco trabalho, pois o terreno apresentava pequena declividade. Não aproveitamos uns pés de cebolas velhas. Conservamos uma laranjeira, um pé de chuchu e uma moita de margaridas. Para o chuchuzeiro fizemos um estaleiro de bambus. Arrancamos umas moitas de flores de tucano que protegiam uma banqueta de terreno e tivemos de guardá-las debaixo da caixa d'água, pois D. Helena impediu que o nosso intento de jogá-las na esterqueira fosse realizado, ao nos lembrar que talvez, algumas Granjinhinhas quisessem mudas da planta... (Lote nº 2, ano de 1958)

"... Fiquei só, mas fiz com muita atenção o trabalho, porque, a camada de terra que sobre as sementes não deve exceder de três vezes a espessura das mesmas.

A profª Maria do Rosário ensinou-nos a distribuir as sementes, nos sulcos. Entre as sementes de rabanetes deve-se deixar uma distância de 1cm. Enquanto distribuimos as sementes, D. Luiza não pôde conter o impulso de seu entusiasmo e disse para cantarmos "A Sementinha". Cantamos com grande animação e algumas colegas da granja vizinha também tomaram parte em nossa canção.

Em seguida, cobrimos as sementes com uma camada de estêrco peneira do e por cima colocamos sacos velhos que evitarão o deslocamento da terra e das sementes pelas chuvas fortes ou mesmo pela água das regas.

Escolhi um regador de crivo mais fino... não se deve parar o regador. Passa-se este em movimentos de vai-vem para que a água caia bem espalhada e o resto joga-se na ruas.

Plantamos ainda 9 mudas de couve e regamos muito bem o canteiro. Antes, D. Maria do Rosário, aconselhou-nos tirar umas folhas. Compreendi logo que era para haver menos evaporação, facilitando assim a alimentação da plantinha.

Gostei muito de plantar cenourinha porque já sabemos que em questões de pró-vitaminas ela é a rainha".

... Tivemos a agradável surpresa de encontrar o canteiro de rabanetes já com as suas primeiras folhinhas abertas, porém a cenourinha ainda não começou a germinar.

As mudas de jiló, couve, e repolho, plantadas há três dias, não estavam murchas... afofamos os canteiros e plantamos mais 19 mudas de almeirão, 12 de beterraba, 22 de alface, 16 de acelga. Deve-se plantar só as mudas perfeitas e que estejam com toda a "coifa" que tira da terra os alimentos necessários à vida do vegetal. Se as raízes não ficarem na sua posição natural, ficarem enroladas ou viradas para cima, também a planta não se desenvolverá porque terá dificuldade em alimentar-se.

Tiramos as medidas para o portão que mede 1m de altura e 86 cm de largura. Sugeri fazermos com esteira de bambu, que aprenderamos na cestaria. Fomos a cestaria onde arranjamos com Sr. José o bambu. E tava quase pronta quando sai para a aula de corte e costura.

Duas mudas de beterrabas morreram, não sei porque. Talvez tenham sido arrebatadas as suas raízes, no trabalho de transplantação.

... Pedrina tornou a plantar duas mudas de beterraba no lugar das que morreram.

... No momento em que o prof. Desidérius dava explicações à orientadora da Granja vizinha sobre como plantar, lembrando-me do que acontecera em nossa Granjinha com a beterraba, me aproximei para ouvir. Compreendi, então, que morreram sufocadas! O professor disse que se pusermos terra em sua última folhinha, a planta ficará com dificuldade de respirar, como nos quando tapamos o nariz. "Arranquei alguns matos. Encontrei duas folhas de couve cortadas, mas não vi por ali nenhum inseto. Passando ao canteiro de acelga, encontrei duas lagartas. Embrulhei-as vivas em uma folha, peguei as ferramentas e subi para o museu.

Escrevi algumas palavras e provérbios sobre o tempo.

... A orientadora tratava do coelhinho, enquanto fui à Granjinha. Ao passar por ali, D. Helena sugeriu-nos a ideia de plantarmos uma roseira e algumas margaridas em frente a cada Granjinha. Ótima opinião.

Ajuntei o mato e levei-o para a esterqueira.

... Prof. Otaviano chamou-nos para plantarmos roseiras, as covas já estavam feitas... Ele deu-nos algumas explicações sobre como fazer enxerto de borbulha que, na roseira, é muito semelhante a dos citrus.

... A manhã estava escura e chovia forte. D. Maria do Rosário disse-nos que deixássemos para tratar dos coelhos mais tarde. Recomendou-nos, ainda, que ocupássemos o horário com trabalho da Granjinha. Dirigimo-nos à sala 34. Formulei e resolvi alguns problemas.

Copiei para a "nossa caixa" as parábolas do Evangelho: a drácula perdida e o servo infiel".

... "Da nossa Granjinha foram escolhidos três repolhos. Pesaram ao todo 1 500 kg!

... "Afiml, chegou hoje o dia de cuidarmos das aves do ISER! Como era a primeira vez, senti-me um pouco embarçada no serviço, mas Prof. Desidérius nos auxiliou bastante. Levamos o molho e distribuímos ração nos comedouros. O professor colocou, em um regador d'agua, um remédio. Perguntei-lhe se era para evitar doenças ou aumentar a produção. Ele se riu e disse que era para evitar doenças pois, para o outro caso, só a ração.

Lavamos os bebedouros e neles colocamos a água com o remédio. Fomos ao pateiro onde fizemos também uma boa limpeza e jogamos milho para os patos. Levamos folhas à coelheira, limpamos bem e levamos o lixo para a esterqueira. (ano de 1959)

*

Ao fim de algum tempo de observações diárias já distinguimos os Diversos tipos de trabalhadores; há os agitados, os impacientes, os rápidos e exatos, os rígidos que executam mal as tarefas, os morosos (que às vezes se desajustam), os persistentes, os observadores, os mais atentos, os de maior ou menor resistência física, os trabalhadores musculares, os idealizadores, os que agem, demonstram espírito de justiça, ou de inveja, de colaboração ou de egoísmo, ou resistência moral maior ou menor...

Compete-nos conseguir com esforço e sábia orientação, um "Tipo médio de trabalhador", aproveitando de cada um aquilo que lhe é próprio, mas adestrando-o em outras áreas.

Nas Granjinhas tanto é necessário a força muscular mais rude, como o adestramento da mais sensível habilidade manual; se há que cavar, há também, que transplantar capilares de beterrabas ou desbastar as delicadas cenourinhas.

RELAÇÕES HUMANAS

O que aqui falaremos e que se refere à primeira fase da experiência, com equipes constituídas de supervisores, orientadores e regentes de classe, servirá de sugestões para as Granjinhas das Escolas elementares onde trabalha apenas a regente de classe; ela encontrará os líderes, entrará indivíduos de uma equipe e a equipe com outra equipe; observará a reação das crianças em seus encontros, em suas tarefas e tudo anotará para ponto de estudo.

Patos interessantes pudemos anotar nas relações entre os membros das equipes. Vezes houve em que a supervisora ou a orientadora a princípio ou durante todo o Curso não conseguiram se impor como chefes, como líderes, tornando-se ditatoriais ou excessivamente benevolas e, caso isolado, houve menosprezo da orientadora para com as professorinhas rurais. Por outro la-

do, vêzes houve em que a professorinha rural é quem insurge e não se submete de boa vontade às orientadoras por se julgar diminuída. O trabalho educativo consegue, porém, em pouco tempo um razoável trabalho de equipe.

Os diários e relatórios nos dizem:

"... notei a nossa líder muito mal satisfeita conosco; estava muito nervosa, dizendo que os trabalhos não estão em dia. Então nós dissemos que é por falta de união com a líder e por falta de reuniões. E depois acabou tudo bem, graças a Deus". (os diários de uma aluna do curso de orientadora)

"... Combinamos com os nossos vizinhos sobre a separação das Granjinhas: seria, apenas um bambu sobre moirões. No entanto, o resto da turma não concordou e resolvemos fazer uma cerca - elas fariam a metade e nós a outra metade". (diário de uma aluna do Curso de Supervisora).

"... Estávamos atarefadas com a nossa cerca, querendo adiantá-la bem, quando surpreendemos uma orientadora da outra Granjinha cortando pedaços de arame da nossa. Não foi preciso que dissessemos algo, A moça disse que fora distração, desculpou-se, deixando lá os arames que com dificuldade arranjáramos. Isto serviu-nos de lembrete sobre o respeito que devemos ter com a propriedade alheia". (do diário de uma aluna do curso de Supervisora)

"... Fomos, também, visitadas por uma supervisora, que veio em busca do facão, pois as ferramentas são um pouco escassas. Ela chegou muito mansamente, queixando-se do atraso de seu trabalho por causa do facão e que não demoraria a desocupá-lo. Uma vez de posse do mesmo, disse que nós não o veríamos tão cedo, porque antes ele já estava com elas. Ficamos um pouco desapontadas, mas a supervisora parece que se arrependeu de sua ação e dali a pouco chegava mansamente para nos entregar a desejada ferramenta". (diário de uma aluna do Curso de Treinamento)

"... Entramos em acôrdo com a Granjinha nº 7 sobre um pé de vagem que saltou flores do lada da nossa "Granja". Para isso estudou-se "código dos direitos dos indivíduos".

No diário de uma professora leiga, do Curso de Treinamento, encontramos várias reclamações a respeito do convívio e do trato dispensado pela líder do grupo, normalista, do Curso de Orientadora. Diz que sua opinião nunca prevaleceu em favor dos trabalhos, que é inútil querer realizar alguma coisa. Essa professora, embora leiga, é bastante inteligente, tem vocação e idealismo, e habituada a dirigir e sua Escolinha tem bastante movimento social, com reflexo em toda a comunidade. Daí, insurgir-se contra as orientações de uma normalista. Procuramos ajustar, dando-lhe cargos de responsabilidade em outros setores, encarregando-a de dirigir pequenos sub-grupos, pedindo-lhe que, com a normalista líder, planejasse festejos para a comunidade etc.

Acreditamos haver resolvido bem. A aluna em questão sentiu-se realizada dentro de sua equipe e dentro de toda a turma, hoje presta, com êxito, serviços em importante setor nacional de ensino rural.

Sem esse treino conjunto, é difícil qualquer bom trabalho. Lembra-nos de como, nos primeiros tempos da reforma do Ensino Primário em Minas, sérios impecilhos advinham, devido a pouca habilidade, principalmente da orientação técnica; às vezes apresentava-se ela ditatorial, às vezes, superestimava-se, às vezes era fiscal e não orientadora. Muita oportunidade boa se perdeu!

Daí, o valor do treino de uma equipe.

Viver situações significativas é que leva ao amadurecimento. A edu

cação não é, apenas, uma técnica; ela procede das disposições íntimas do educador, criadas, principalmente pela vivência. Viver para os outros é máxima do Evangelho, mas é realizada à custa de aprendizagem longa e penosa. Quando não supervisionadas, os grupos são sujeitos a formações defeituosas: os mais fortes tendem a subjugar os mais fracos; às vezes subdivide-se e age em separação, enfraquecendo o espírito de fusão das vontades e das energias. A orientação do líder é que garante o funcionamento, o trabalho vitalizador.

Equipe é integração e se caracteriza pelo propósito de realizar alguma coisa. A equipe caminha para a identificação, embora cada membro guarde suas características individuais, aceitam-se de bom grado, embora se choquem às vezes, em razão mesmo do ideal. Aliás, o conflito não tem importância; o que importa é a solução que lhe é dada. O poder educativo do grupo reside nos processos: dar e receber, exigir e ceder, diferenciar e fundir, desde que presida a esse processo finalidade elevada, determinante da sublimação. O senso de responsabilidade pessoal e coletiva, a preocupação de oferecer oportunidades a minorias ineficientes, tudo ajuda. O que mais importa no grupo é a qualidade de relações humanas estabelecidas entre seus membros. (trecho do livro: "Educar pela Recreação", de Maria Junqueira Schmidt)

*

Tivemos no ISER, entre muitos outros casos interessantes, o do pé de maracujá.

Esse foi, de fato, o de maiores oportunidades educativas, sempre tão sabiamente aproveitadas pela prof.^a Helena Antipoff: o pé de maracujá ali estava, plantado dentro de uma granjinha. Cresceu. Espalhou a galharia trepadeira, não ficou só na sua Granjinha - atingiu a vizinha e ali também se deixou ir crescendo sempre mais. Floriu. De quem seriam os frutos dos ramos invasores? Da Granjinha de origem? Da Granjinha invadida?

Foi maravilhoso! Dias e dias o assunto era um só: de quem seriam aqueles frutos? Mas o maracujá nada respeitava e tudo invadia, criando sombras para as hortaliças dos vizinhos que já aí, passavam a considerá-lo indesejável. E começaram as primeiras desavenças. Elimina-se, não se elimina o pé de maracujá, eis a questão que tomou conta dos grupos.

Vejamos o que nos revela uma aluna, bem demonstrando a necessidade de educarmos nossa gente no sentido de ser honesto em suas atitudes, sem temer ou querer adular a autoridade presente. Como temos uma democracia verdadeira, se não nos expressamos livremente? D. Helena resolveu fazer um plebiscito, após reuniões anteriores, após estudo de leis, após ouvirmos a palavra de um advogado (tudo com o objetivo de educar, de levar a compreensão de que os problemas entre vizinhos, tão constantes e graves na zona rural, devem ser resolvidos dentro de boas relações, se possível ou dentro da lei, se for o caso, mas sem as consequências funestas tantas vezes acontecidas).

Conta-nos uma aluna:

"... tivemos uma reunião com D. Helena. Essa reunião teve a finalidade de discutirmos o problema do pé de maracujá. Depois que o caso foi discutido, havia duas coisas a resolver: podar ou fazer um caramanchão, para que não fizesse sombra na Granjinha vizinha. D. Helena resolveu que devíamos votar secretamente em podar ou caramanchão. Fizemos a votação, a maioria de votos foi para que se podasse o pé de maracujá. D. Helena nos disse que no dia seguinte seriam tomadas as devidas providências.

Notei uma coisa estranha na turma. quando estávamos na Granjinha, separamo-nos para um lado as que eram a favor da poda e de outro as do caramanchão e a maioria era a favor do caramanchão. Então observei que entre nós há muitas que não têm personalidade".

Para se entender bem o trecho, elucidamos que D. Helena havia feito o plebiscito no local das Granjinhas; como as alunas percebiam preferir ela o caramanchão, para não sacrificar os frutos com a poda, ali quase a totalidade votou por ele; como verificação, D. Helena, minutos depois, conduziu-as às salas de aula, procedendo votação secreta. O resultado foi absolutamente inverso!

*

A experiência resultou em estudos, acerca do valor de um regime democrático quando estamos preparados para ele, do significado do voto secreto, de fato uma garantia de liberdade; mas procuramos levar à consciência do quanto é importante sermos coerentes, firmes, honestos em nossas manifestações, ativos para independêr de injunções políticas, para nos libertar de jugos de autoridades ou pessoas que julgamos mais elevadas do que nós.

D. Helena leva tão a sério a vida nas Granjinhas que decidira podar o maracujá. Perguntando-lhe eu se faria isso, embora com tão graves prejuízos, respondeu-me sim, pois era o desejo da maioria. Quise continuar inquirindo-lhe até onde isso seria acertado; achávamos também certo darmos outra oportunidade, esclarecer de novo os grupos litigiantes, acerca do lado econômico, muito importante. Se, em nossa opinião, era um erro podar, porque iríamos referenda-lo? Não me parecia isso mais educativo do que rever o caso. D. Helena, porém, resolvera acabar a votação; o maracujá seria sacrificado, no dia seguinte.

Alguma coisa, entretanto, aconteceu, como se fôra milagre: na manhã seguinte, ao chegarmos para os trabalhos das granjinhas, dezenas das flores roxas de Catulo da Paixão Cearense, se haviam aberto, exalando perfume delicioso.

Nada mais se precisou fazer: a unanimidade dos alunos aclamou, entusiásticamente, que o maracujá continuaria a espalhar seus ramos invasores com flores e frutos!

Do grau de incompreensão entre os vizinhos, até então existente, bem nos diz esse outro trecho de um diário ... "eem seguida passai a ouvir os comentários. Surgiu um que eu achei que era um ponto melindroso quanto ao termo que foi empregado e achei mesmo melhor se a gente esquecesse que existe ali um pé de maracujá. Se nós já encontramos a dificuldade, vamos deixar também para os outros.

Esse pé de maracujá
Está nos dando um trabalhão
E não vai ficar só nisso
Vai dar é um prejuízo! (diário de 1959)

A professora Antonieta Ildezuita escreveu uma fábula a respeito da já famosa planta e aqui a reproduzimos. Até na literatura a já famosa planta trouxe sua contribuição!

"Ele crescia apressado, serpenteando suas ramagens pelas cercas das granjinhas.

Nasceu na "Granjinha do Maracujá" que, em sua homenagem recebeu seu nome.

Coleando pelas cerquinhas de bambu, lá se estendia ele, cada vez mais exuberante.

Até que um dia, sua sombra começou a cobrir as granjinhas e as plantinhas, que não viam mais a luz do sol. A terra ficou umida demais e certas plantas amofinaram e quase morreram.

A vida das granjinhas, tão simples até então, tornou-se muito complicada. Discutiam e a compreensão recíproca, que era fator de união e de tolerância entre elas ameaçava ruir.

E tudo por que? Pela presença de um intruso entre elas. O intruso havia lançado a discordia.

Quem era ele? O pé de maracujá.

Quem não deixava crescer os rabanetes? O pé de maracujá.

Quem enxarcava a terra de umidade? O pé de maracujá.

- Vamos pedá-lo, diziam umas.

- Vamos cortá-lo, diziam outras.

- Não, não cortem! Ele é tão belo! E vai despontar em botões e vai rebentar em flores que se transformarão em deliciosos frutos. Não vêm que ele torna a nossa vida mais amena? Ele alimenta-nos com sua beleza. Suas ramagens, lastrando-se pelas cercas tão exatas e limitadas, revelam-nos o sentido do equilíbrio das coisas. Ele se estende para o céu... a cerca mergulhada na terra!

A discussão continuava. Resolveram chamar Pisco. Pois não era ele que sabia mais que todos e que muitas vezes, já os ajudara?

Pisco era uma meninazinha oíeta, muito sábia, que falava com pássaros, com as plantinhas e com as flores. Era muito espertinha e parecia voar, de tão veloz.

Ela já sabia de tudo, pois o que poderia ela ignorar? Sua linguagem da natureza... Pisco ouvia, atentamente, as reclamações. Depois, fingiu-se muito séria, pensou... pensou...

- Não chego a nenhuma solução, disse. Vamos adiar uns dias, querem? Vou consultar a abelhinha ruiva... e depois voltarei.

Os dias foram passando. E o maracujá, então, como previam alguns, estava florido.

E as opiniões haviam mudado. Já não o queriam cortar. Foram tão poucas as plantinhas sacrificadas, que a renda dos frutos do maracujá cobriam, com vantagens, os prejuízos. E as granjas haviam prosperado, boa seria a colheita.

Que raro, filosofava uma beterraba. Tudo parecia tão difícil... De repente... a solução aparece...

- Ela já estava aí desde o início, disse Pisco, que chegara voando num raiozinho de sol. Ela está sempre presente. Mas, às vezes, é preciso esperar que as sementes amadureçam e então, ela se revela. Ela é o fruto da experiência".

*

Foi, ainda, o pé de maracujá a inspiração para um dos mais belos murais (pedacinhos de papéis, coloridos, imitando mosaico italiano) de arte sanato. Lá está ele imortalizado na arte, tornando viva a contribuição educativa que sua presença irrequieta nos legou.

Belo exemplo de relações humanas: do Diário de 14.8.964: "... os grupos das granjinhas foram reestruturados; somos apenas dois agora... toda via, não houve necessidade de desaparecer a Granjinha "Recanto". Ela continuará a existir. Para que ela sobreviva, os componentes dos dois grupos da

ção seus esforços conjuntos. Ela será fruto da cooperação entre os proprietários das Granjinhas "Toca" e "Eden".

ENTROSAMENTO COM AS MATÉRIA DOS PROGRAMAS DE ENSINO

Muitos anos de experiência temos, quer como orientadora técnica, quer como diretora técnica de Grupo Escolar. Em nenhum plano vimos de modo tão positivo, o entrosamento das matérias dos Programas de Ensino. É comum, aqui no ISER, vermos, isolados ou em grupos, os professores-alunos medindo canteiros, caixas, cercas, somando, diminuindo, multiplicando covas, mudas, latas de adubos... colhendo os produtos das granjinhas, escriturando-os, contabilizando, vendendo, verificando gastos com cultivo e apuração em vendas, deduzindo lucros ou perdas...

Vemos os ofícios encaminhados ao Clube Agrícola, os requerimentos para aquisição de sementes, de mudas, as leituras dos relatórios...

Às vezes, é a turma instalando a biruta, controlando a posição dos ventos, recolhendo dados do Posto de Meteorologia...

Língua Pátria, Aritmética, Ciências, Geografia... tudo é vivido, tudo ali é encontrado para seu estudo objetivo, para seu estudo dentro da vida.

Fossa, embora, parecer desprovido de interesse científico, buscaremos, nas fontes de documentação dos professores-alunos, relação de algumas atividades que puderam ser levadas a efeito.

Assim, encontraremos:

LÍNGUA PÁTRIA

Vocabulário:

Ampliação e exato sentido. Só dentro das atividades agrícolas, houve inúmeras oportunidades para familiarizá-los com os termos próprios; os requerimentos, diários, e relatórios não foram menos proveitosos; as composições colocaram os vocábulos literários em sua presença. Sinônimos e antônimos foram muito considerados.

Interessante fazer-se o levantamento dos vocábulos sugeridos pelo trabalho nas Granjinhas. Uma professora registrou 350 vocábulos correspondentes aos objetos e atos observados nas Granjinhas. Proveitoso exercício consiste em nomear mais depressa possível tudo que se possa perceber no recinto e fora dele e verificar a lentidão com que se fez a associação entre a percepção e a identificação verbal.

REDAÇÃO

O treino foi constante, pelo diário, e pelas anotações e foi bem permanente pelos ofícios, requerimentos, pequenas monografias de plantas e animais, reprodução de diálogos interessantes e pitorescos ocorridos durante os trabalhos, composições livres, dando largas à imaginação etc.

As redações auxiliavam muito a organização das idéias, à seqüência dos fatos, a eliminação de partículas ou seu justo emprego.

ORTOGRAFIA

As redações sempre deram margem a excelentes aulas de ortografia .

Ainda no entrosamento com Língua Pátria houve leitura e transcrição de lendas, fábulas, parábolas evangélicas, provérbios, poesias, contos, todas ligadas à vida de uma granjinha, à vida do campo. Por exemplo: Lendas do milho, da mandioca, do miosótis, da palmeira, do alecrim, do arco-íris, da andorinha, da fogueira de São João...

Fábulas: o rato da cidade eo rato do campo; o lobo e o cordeiro; o cabritinho e o lobo; o cão e os ratinhos; o cão e o veado; o lavrador e os filhos; o velho cão de caça...

Parábolas evangélicas: o grão de mostarda; os maus vinhateiros; o semeador; o trigo e o joio; o mau feitor...

Poesias: velhas árvores; o trabalho; o lavrador; as flores; as formigas; (de Olavo Bilac) no curral; o sapo (Helena Pinto Vieira); eu e a árvore (Martins D'Alvarez); o patinho (Maria Júlia); enxadinha (do livro "Ilha do Sol"); na fazenda (Paulo Setubal); a cigarra e a formiga; o enterrro da cigarra; carro de milho (Vinícius Meyer); etc.

Contos: A árvore (René Barreto).

Provérbios: de grão galinha enche o papo. Cesteiro que faz um cesto, faz um cento. Quem semeia ventos, colhe tempestade. Mais vale quem Deus ajuda, do que quem cedo madruga. Pelos frutos se conhece a árvore. Árvore boa, dá bom fruto. De pequenino é que se torce o pepino. Pau que nasce torto, tarde ou nunca endireita. Boa semente, farta mesa. Quem planta colhe. Quando você vai com o milho, eu já venho com o fuba. Papagaio come milho, periquito leva a fama... Um grão não enche celeiro, mas ajuda ao companheiro. Com perseverança, tudo se alcança: não ha rosas sem espinhos. O aborrecimento é um mal que se cura com o trabalho. A união faz a força.

ARITMÉTICA

Qualquer um dos planos das aulas de aritmética encontrou entrosamento com as granjinhas. De problema sem dificuldade a problemas de mais difícil raciocínio.

Pudemos verificar a eficiência do método, assistindo ao desenvolvimento daqueles professores-alunos cujo estudo se limitaria a 3ª serie primária em escola rural, e que, pela objetividade das aulas, pela experimentação concreta de caminhos para uma solução, chegavam, de fato, a compreender e raciocinar, a deduzir.

Será enfadonho transcrever exemplos de problemas ou de cálculos. Apenas alguns:

"Em cada um dos 4 canteiros retangulares gastámos um regador d'água e para outras 5, gastamos $1/2$ em cada um. Quantos regadores necessita-se para toda a granjinha?"

Seriado:

- Gastamos para adubar os canteiros 8 latas de estêrco orgânico, cada lata tem 20 quilos. Quantos quilos gastamos?
- A $\text{\$} 12,00$ velhos a lata quanto pagamos ao todo?

De porcentagem:

Compramos para a nossa granjinha 8 moirões à $\text{\$} 10,00$ velhos cada um. Havendo um estragado houve um abatimento de 6%. Quanto custaram os moirões?

Plantamos em um canteiro 16 pés de beterraba, já colhemos 25%. Quantos pés ainda há?

De um relatório tiramos esse trecho:

"Ficamos hoje sabendo como se resolve o problema dos postes dado em aula por D. Benedita. Tivemos ocasião de ver isto na granjinha, ao fazer a cerca, e compreendemos o raciocínio do problema. Assim era o problema: "Para cercar a granja com 3 moirões de cada lado, quantos moirões serão necessários para fazer a cerca da granjinha?" Pelo raciocínio, multiplicando 3 x 4 são os lados da granjinha e 3 é o número de moirões, obtém-se 12 moirões. Na granja colocando-se em cada vértice do retângulo 1 moirão, gastamos apenas 8 moirões, isto porque o moirão de cada vértice serve para os dois lados.

Não deixamos de registrar um singular, porém proveitoso exercício de contagem bastante em uso nas granjinhas, pois habitua os alunos a contar depressa e com exatidão: os bandos de urubus planando no espaço azul. Que dificuldade de se chegar ao número exato, pois raramente há coincidência de resultados entre vários observadores.

Foi das matérias mais objetivas. Vimos a reação dos professores-alunos diante de problemas de áreas, de perímetros, de modo realmente surpreendente, mormente considerando tratar-se de elementos muito pouco preparados em um rápido e deficiente curso primário.

Ali, ao vivo, traçando formas nos canteiros, tirando paralelos no alinhamento dos caminhos, plantando as mudas em fileiras simétricas, medindo os lados dos canteiros, multiplicando-os entre si, ficando moirões, esticando barbantes, foram construindo o mundo geométrico: linhas, formas, áreas, perímetros, ângulos, ali apareciam, ali eram manuseados, ali eram compreendidos, ali forneciam dados para problemas e problemas para dados...

ESTUDOS SOCIAIS

Estudo do solo, clima, orientação, limites, chuvas, ventos, núvens, erosão, lua, levantamento topográfico do lote, levantamento das plantas da granjinha, isoladamente, e no seu conjunto de "Granjinhas Reunidas", leitura dessas plantas; o milho e seu histórico; a mandioca e sua lenda; governo brasileiro e sua obrigação para com os problemas da agricultura, de educação e saúde da população rural; impostos e sua aplicação; comércio interno; direito civil, propriedade etc.

Vejamos os diários:

"... problema que trouxe investigação foi o limite das granjinhas. A orientação pelo pôr do sol trouxe opiniões diversas, e só foi resolvido pela bússola. (Granjinha nº 6) Em geografia aprendemos a orientação por meio de uma bússola improvisada, de nossa própria fabricação. O essencial é a agulha imantada, o que conseguimos com o auxílio de um ímã. A agulha imantada apontara sempre o Norte, e com o auxílio de uma rosa dos ventos que desenhamos, podemos mais facilmente determinar os outros pontos cardiais. O suporte pode ser qualquer um. Neste colocamos uma agulha de mão com a ponta para cima, e sobre ela a tampa de uma ampola de injeção na qual colamos, com "cola-tudo", a agulha imantada. O tampo da ampola de injeção gira livremente sobre a ponta da agulha que lhe serve de suporte, e pode, assim, indicar perfeitamente o norte pela atração que sofre da terra".

"Agora, foi o estudo dos ventos que suscitou o entrosamento com História do Brasil - conta-nos uma aluna do Curso de Supervisora, transcrevendo trecho do diário de uma aluna do Curso de Treinamento: ... estudando o vento, vimos a sua utilidade na História para os navegadores com as suas velas. Lembrou-nos a viagem de Pedro Álvares Cabral, com sua esquadra for-

mada de ...".

CIÊNCIAS NATURAIS

Parecerá pleonasma dizer-se que o entrosamento dessa matéria com os da granjinha é o mais perfeito possível; pleonasma será nossa afirmativa de que junto às atividades delas estavam as de Ciências Naturais, superpostas; pois se iam fazer a cerca, logo o bambu e os moirões apareciam e toda a série de etapas de sua vida ali se apresentava: ao revirarem a terra, já surgiam as minhocas, os tatuzinhos, as formigas... Como separar a semeadura, do estudo da semente? Da germinação? Como parar na semente antes de atingir a hortalica, ou o legume, ou o fruto? Estudá-los sem a maneira de os cultivar, de os proteger contra pragas e insetos, será impossível, citar inseto nocivo, ou inseto útil, deixando de estudar a sua vida, seria conservar a mesma ignorância.

Capinar na suposição de que apenas o fazia para deixar a planta isolada, ou para beleza de nossos olhos, seria, apenas, parte da verdade; capinar para libertar a planta da sombra demasiada, para afastar os sugadores de sua seiva, estudando as várias espécies de plantas estirpadas, isso foi e é o objetivo do professor. A cada passo, a cada enxadada, a cada afofar de terra, a cada planta ou colheita, sempre a aula de ciências esteve presente. Nem poderia ser de outra maneira.

EDUCAÇÃO MORAL E CÍVICA

A todo momento, houve oportunidade para se praticar a solidariedade e modéstia, o respeito à pessoa humana, a liberdade individual, ao grupo e à sua liberdade, o cumprimento do dever, a honestidade nas atitudes e nos atos, a responsabilidade, a resolução de problemas ligados a relações humanas. Os diários, e os relatórios estão cheios de passagens que o comprovam.

O civismo sempre teve um lugar de destaque: o valor do trabalho da terra, contribuindo para o bem estar da família brasileira foi um bom tema central, que se ramificou em vários assuntos, correlatos. Foi dentro da aula de geometria que surgiu o estudo dos símbolos da pátria.

"... verificando-se que algumas formas geométricas figuram na Bandeira Nacional, foram dadas aulas de educação moral e cívica, no estudo da Bandeira como símbolo da Pátria, e salientando-se os deveres de cooperação, generosidades, lealdade, amor a terra, sentimentos esses que deverão ser formados nos alunos..."

"... 19 de novembro se comemora o dia da Bandeira. Ela é formada de figuras geométricas e consta de 4 cores..."

"Devemos respeitar a Bandeira por ser ela o símbolo de nossa Pátria".

RELIGIÃO

A simples observação desta natureza maravilhosa do Rosário, vêm-nos o amor a Deus, a ciência de sua existência, o agradecimento às suas graças. Ele quis demais a terra e ao seu cultivo, e o que nos dizem as várias parábolas do Evangelho, nas quais os símbolos preferidos foram a terra, as sementes, as plantas, o lavrador...

Cavando o solo estudou-se a formação do mundo, o poder infinito de Deus, seguido da criação do homem, sua vida no Paraíso, sua queda pelo orgulho, seu destino de comer o suor do seu rosto...

Semeando, afastando as plantas más das boas, distribuindo tarefas, cobrando tarefas, surgiu a leitura meditada das parábolas do semeador, do trigo e do joio, do grão de mostarda, do feitor...

Ali nas granjinhas o grande mandamento do amor ao próximo pôde ser praticado ou variado, sendo que, ainda assim, educou-se: a revisão do ato o apêto de mão ou a atitude de simpatia seguida à de brusco agir, demonstravam, sempre, mais tarde ou mais cedo, que o mandamento era lembrado.

As variações do tempo, prejudicando, às vezes, a colheita prevista, as pragas súbitas, faziam pensar na precariedade de nosso poder! Em Deus é que devemos depositar nossa vida e nossas esperanças.

TRABALHOS MANUAIS - DESENHO E ARTESANATOS

Material Didático - O desenho acompanhou tôdas as etapas das granjinhas. Raros professores-alunos apresentaram pendor para essa atividade; eram alvo de admiração por parte das outras, cuja linguagem foi sempre a mesma: "Não tenho jeito para desenhar... Não sei fazer nada... Nunca desenei na minha vida... Não vai sair nada..."

Diante, porém, da insistência, viam-se ante a impossibilidade de colocar de lado a matéria e apreciavam traços, indecisos, pouco fieis, não permitindo se distinguir uma folha de alface daquela do repolho. Se ao fim de algum treino, durante o qual eram bem sucedidas na observação, faltava perfeição artística, já se firmava a fidelidade e a folha de alface era diferente daquela do repolho. Desenhos os mais variados, fazem parte da coleção das "caixinhas"; são fases da germinação, são folhas, raízes, legumes, fases da lua, animais das granjinhas, barras decorativas para enfeitar armários ou paredes, para bordados em panos de cozinha ou de mesa.

Em trabalhos manuais, fizeram balainhos para mudas de fruteiras, miniaturas de instrumentos agrícolas, tabuletas para indicações das sementeiras, nos canteiros ou nas arvores; o disco de Newton, a rosa dos ventos, a biruta, a bússola, colares de milho, de fava, cintos, bolsas, e flores de palha de milho, os fantoches, bonecas, cortinas etc.

O material didático, abundante, refere-se a muitas matérias principalmente a linguagem, aritmética e ciências naturais. Fichas individuais com exercícios os mais variados, (muito úteis às escolas rurais, onde quase sempre, funcionam as três séries a um só tempo), jogos individuais e para grupo, monografias de plantas, de animais, de vidas, cartazes educativos.

Seria necessário um trabalho exclusivamente dedicado à parte de material didático para que fosse apresentado de maneira objetiva, com descrição e detalhes; seria boa contribuição aos professores rurais.

HÁBITOS SOCIAIS

Há duas atividades especiais dedicadas à prática de hábitos sociais: o almôço, ao final de cada curso e a FESTA DO MILHO e DO AGRICULTOR, no mês de junho de cada ano. Aquêle tem o cardápio à base de produtos das Granjinhas e consta de pratos variados que devem vir à mesa muito bem apresentados. Os alunos fazem os cartões com o cardápio, ilustrado tipicamente, ornamentam a mesa com produtos agrícolas, o arranjo da mesa ovedece ao mais fino uso, servem o almoço, sentando-se à mesa com diretora e professores. É uma festa encantadora, muito educativa e que se repete cada vez em algum novo aspecto e é esperada com simpatia por todos.

A Festa do Milho e do Agricultor é de âmbito mais amplo e atinge tôdas as Escolas da Fazenda e Escolas e propriedades vizinhas e as próprias granjinhas que fornecem hortaliças e flores para as exposições anuais do 19

semestre. Não cabe neste trabalho a descrição dessa festa; seria motivo para outra publicação, de grande proveito, aliás. Do planejamento à execução, são fases de trabalho individual e de equipe abrangendo estudos os mais variados, dando oportunidade de liderança, desenvolvimento de qualidades morais e cívicas, hábitos sociais e recreativos. É a atividade social de maior relevo, a qual não faltam arte teatral, danças folclóricas, jogos de competição, barraquinhas com produtos típicos, exposição dos agricultores da região, a alvorada, a oferta da colheita no sacrifício da Missa.

EDUCAÇÃO INTEGRAL

Observando, estudando, analisando, concluindo que nas Granjinhas há educação integral.

No capítulo anterior vimos, no entrosamento com as matérias, vários aspectos que o demonstram.

Falaremos, pois, de outros aspectos dessa mesma educação:

a. Desenvolvimento Sensorial - Há pássaros que cantam e cada um deles tem diferentes cantar.

De um diário de D. Helena Antipoff: "... havia chilrear de pássaros em um coqueiro vizinho. Quais? Nem todas as alunas souberam reconhecer os nossos João de Barro, barulhentos e ativos". Levantara-se, porém, um problema, despertara-se a curiosidade; a atenção estaria, daí por diante, voltada para entender os passaros.

Não só a voz das aves ali existe. Há o mugir das vacas a que responde o tenue berro dos bezerrinhos; há o coaxar dos sapos, o aviso da cigarra de que o verão se aproxima, há o grunir dos porcos comunicando brigas ou reclamando ração...

Há o sussurro de folhas pequenas e grandes, de brisa suave e de águas cantantes; há barulho impetuoso dos ventos das tempestades...

O OUVIDO se apura, a AUDIÇÃO se desenvolve.

Há perfume de rosas nos canteiros, há perfume da flôr da laranjeira, há o aroma do maracujá, há o doce e violento perfume do manacá e do jagmim singelo... Há o cheiro fecundo da terra molhada... É toda uma escola para a educação do OLFATO.

Há a forma dos coqueiros, das mangueiras, dos ipês, dos pessegueiros, das pequenas hortaliças; diferenças e semelhanças que a VISTA aos poucos distinguira. A observação com a vista deve ser acompanhada sempre que possível dos movimentos de braços e mãos; serão gestos graciosos, suaves descreverão o contorno das árvores, o recorte dos morros, o serpentear das águas; a linguagem mimica tornara gravada a imagem que a vista percebeu.

Há o azul do miosotis (azul é ciúme) há o vermelho da rosa (vermelho é amor), há o amarelo do ipê (amarelo é desespero), há o roxo da quaresmeira (roxo é paixão)... Ao lado da visão objetiva, forma-se a atitude subjetiva.

Há a macia fôlha da malva e a áspera erva-cidreira, oaveludado do amor-perfeito e o espinhento cactus, para que o TATO se exercite.

Há o sabor da laranja, há o gosto picante do rabanete, a docura da cana, o amargor do giló... O PALADAR se aguça em sua sensibilidade.

b. Formação de Atitude Científica- Observando-se os fenômenos, sua repetição

na mesma ordem com a mesma regularidade, chegarão a generalizações, a classificações, a leis elementares que dirão das causas e dos efeitos. Encaminhando e mantendo a curiosidade, o espírito de observação, de pesquisa, muitos fenômenos que nos produzem prazer ou medo simplesmente, passarão a seu justo significado. Fenômenos anteriormente considerados sobrenaturais serão esclarecidos, medidas para que se resolva essa ou aquela situação serão postas em prática.

Exemplo: tivemos caso interessante em que, à falta de dados científicos, implanta-se a superstição: durante algumas horas de um certo dia, ouvia-se o canto de um passarinho; era semelhante a uivos e lamentos. Pousando em uma árvore, atraiu a atenção do grupo que, curioso, para lá se dirigiu. Um dos alunos, rapazinho do alto sertão de Minas, reclama, ao vê-lo: "É passaro de mau agouro!"

Três dias depois... geada! Tudo foi destruído: flores das mangueiras, dos abacateiros, as hortaliças, as flores... Agúrio do estranho passarinho? Ou terá ele uma sensibilidade maior que a nossa, capaz de prever as mudanças climáticas? Da altura de seus vãos e pousos não lhes virá essa fanculidade? Seus uivos continuados seriam mensagem aos filhotes ou às outras aves descuidadas?

Quanta superstição a limitar a vida de nossos camponeses se afastaria se, aos fatos que a geram, se desse o significado científico!

Outros exemplos: chovera fortemente toda a noite; erosão em canteiros, empoçamentos, plantas afogadas. Castigo? Provação a ser aceita como tal? Ou fenômeno natural?

Nas granjinhas já existe a busca da Ciência. Por isso, na manhã seguinte, tratamos de recompor o que fora destruído.

A invasão de pássaros favoreceu pesquisas: que espécies? por que? influência da época? prejuízos? medidas imediatas? por o barbante trançado ou o "espantalho" protegem canteiros e lavouras?

Tudo isso, talvez, torne mais compreendidas e úteis algumas noções de ciências elementar, que todos deveríamos possuir em estado de disponibilidade permanente.

A ciência aclara muitos fatos, libertando-nos dos receios e erros, embora, às vezes, faça desaparecer o sabor das superstições e a poesia das lendas...

c. Sentimento de Estética - Fato comum é ver-se professores-alunos em admiração ao céu, às cores, à harmonia do conjunto. Certa manhã festejamos, com ruidosa alegria, uma simples gota de orvalho retida na folha de uma planta. Quedaram-se em êxtase, enlevadas pela beleza dos reflexos amarelos, verdes, azuis, violetas, que o sol ali provocava com seu audacioso beijo, que, em breve a consumiria.

Relatando esse fato a uma de minhas irmãs mais velhas, contou-me que, quando em sua infância, residíamos na fazenda, quantas vezes disputava com outras irmãs sorver a "maior gota do orvalho" nas folhas de taioba, naquelas madrugadas distantes que se mantêm vivas porque passadas no convívio da natureza!

Uma gotinha, quase sempre despercebida, tem seus dias de esplendor quando olhos que vêem e corações que sentem descobrem a riqueza de seu consórcio com a folha e o sol!

d. E as Emoções? Tristeza... - "quem cuidará das Granjinhas na nossa au-

sência? ... quem as olhará?"... GRATIDÃO a Deus pelo trabalho abençoado, pelos frutos colhidos, pelas dádivas com que a natureza retribui o suor do rosto, pelo convívio das colegas...

Esperança, decepção, expectativa, afeto, agrado, desagrado, indiferença, medo, admiração, humorismo e tantas outras emoções ali se manifestam. Difícil transcrevermos o farto documentário contido nos Diários. Caberá a cada professor descobrir e educar as emoções.

AS NOVAS EXPERIÊNCIAS

Setembro de 1963. A quinta série elementar, da Granja Escolar "Gustavo Lessa", da Fazenda do Rosário vai receber um terreno de 1 000 m², dividido em 5 lotes. Ali deverá instalar suas Granjinhas entregando cada lote a equipe de 7-8 alunos, entre 12 e 14 anos de idade.

A orientadora será Maria de Lourdes Guidi - além dos Cursos da Fazenda do Rosário e da Universidade Rural de Viçosa, esteve na Venezuela na Escola Normal Interamericana de Rúbio, durante 2 anos.

Era o quarto trimestre e o plano deverá ser para esses meses. A cultura das hortaliças de verão teria novo impulso.

A orientadora competiria descobrir e educar os líderes, promover reunião entre os membros de cada equipe e das equipes entre si. Como confronto, também foi útil: os meninos - pois eram todos meninos - fizeram as mesmas atividades, tiveram os mesmos problemas, conseguiram bom desenvolvimento geral, tal como os professores-alunos, os supervisores e os orientadores. A seu favor, maior espontaneidade, mais alegria, mais entusiasmo.

Transcrevemos um pouco de tanta coisa interessante: diário de 5.9.63 - aluno: João Batista de Souza:

Lote 2 - Hoje às 7h30 minutos eu fui para o aviário com dois colegas que eram o Tarcísio e o Antônio Ribeiro. Chegando, nos fizemos o tratamento das aves; eu fui por ração no cocho, e os outros foram por água; o trabalho estava uma beleza, as aves cantavam alegremente na prisão, as gaiolas. O tempo estava enfunado e o sol claro. Eu fui carregar estêrco das aves num carrinho sobre os canteiros da Granjinha.

Às 9 horas terminando o belo trabalho, viemos para a granja. D. Guidi disse: - Vamos ao ISER ver abrir um porco que mataram hoje. Chegando lá vimos o professor Vicente começando a abri-lo. Ele nos deu umas explicações sobre o porco. Era grande e eu calculei de 8 arrobas a 10 quilos. Vimos o organismo do porco todo. Ao terminar de tirar a barrigada, D. Guidi e nós vimos para a Granja, fomos para a sala de aula fazer o diário e três desenhos do porco. Às 10h30 minutos deu o sinal do banho e nós fomos. Assim foi mais um belo dia de diversos setores de trabalho na nossa querida Granja Escolar "Dr. Gustavo Lessa".

Diário de 9.9.63 - aluno: Geraldo Bolívar da Silva.

Lote nº 1 - Às 7h30 minutos do dia 9 de setembro de 1963, foi iniciado mais um dia de serviço na granjinha.

Logo ao chegarmos na granjinha ficamos decepcionados com o estrago que as vacas fizeram nas granjinhas 2, 3 e 4. O sol rebrilhava como representando as preciosidades brasileiras. Os pássaros porém quase não são vistos por nós, seu cantar já não é mais ouvido por nós como antes. Dessa forma torna-se mais triste o serviço do campo.

Às vezes avistamos algumas andorinhas ou algum urubu, muito ao longe quase fora do alcance de nossa vista.

Saudades dos Passarinhos - Ao chegarmos na granjinha, logo começamos a fazer irrigação da mesma. As plantinhas estão viçosas e muito bonitas. As 9 horas foi servida a merenda que foi rapadura. Após a merenda fomos para a sala de aula fazer o diário. Mas, antes, resolvemos os problemas que fizemos na sabatina da granjinha. Aqui termino este com muitas saudades dos passarinhos.

Diário de 12.9.1963 - aluno: Mariano Ribeiro Batista.

Lote nº 2 - No dia 9 de setembro tivemos uma surpresa desagradável em nossa granjinha, que foi a visita das vacas. Pisaram e comeram em 9 caneteiros; notamos que a vaca não gosta de alface porque ela chegou e comeu uns pés de alface e não quis mais ao passo que as acelgas elas comeram quase todas.

Descobrimos que foi vaca pelas pisadas e marcas deixadas, pelos seus pés e que eram grandes e pequenas.

A beterraba elas comeram um pouco das folhas e deixaram uns pés rancados.

Ficamos muito tristes mas não vamos desanimar por causa disso. Ao contrário, vamos trabalhar muito mais para ver se conseguimos por nossa granjinha bonita como era.

*

Pena não podermos publicar todo o arquivo, pois há muito o que receber desses meninos! A espontaneidade das ilustrações são maravilhosas! E, há ainda, gráficos, recortes, quadrinhas, cartas enigmáticas.

*

A produção foi boa. Encontramos folhas de contabilidade que demonstram "bons negócios".

Em uma dessas folhas, entre uma lista maior poderemos citar a venda de:

8 pés de alface a R\$ 22,00 o pé	96,00
700 g de ervilha a R\$ 200,00 o quilo	140,00
10 pés de almeirão a R\$ 15,00 o pé	150,00
500 g de nabo a R\$ 50,00 o quilo	25,00
20 folhas de acelga a R\$ 1,00 a folha	20,00
3 dúzias de bananas a R\$ 60,00 a dúzia	150,00
20 dúzias de rabanetes a R\$ 20,00 a dúzia	400,00
	<u>R\$ 981,00</u>

(Estávamos em 1963, época, ainda, do cruzeiro velho)

Foi vitoriosa a experiência e mostrou o acerto das Granjinhas no curso elementar.

*

EXPERIÊNCIA COM CRIANÇAS EXCEPCIONAIS

Iniciando-se agora, Mas, dará certo. Será um vasto campo de pesquisas psicológicas e pedagógicas para os professores-alunos do Curso de Educação Emendativa, que se realiza na Fazenda do Rosário. Fica o exemplo que, se imitado, beneficiará muito os pequenos excepcionais.

Talvez mais para frente, possamos apresentar os resultados das experiências, em nova publicação.

EXPERIÊNCIA COM O
CURSO DE SUPERVISORES DE ESCOLA UNITÁRIA COMPLETA

Em convênio com o Ministério da Educação e Cultura (MEC) e auxílio da FISI (Fundo Internacional de Socorro à Infância) realiza-se neste mês de agosto de 1967 o Curso de Supervisores para "Escola Unitária Completa".

A direção do Curso está entregue ao professor chileno, técnico da UNESCO, Alejandro Covarrubias Zagal, personalidade marcante, inteligência viva, autêntico, captou confiança do grupo de supervisores, do grupo de professoras rurais das Escolas Municipais a que estão dando assistência; e, o que é mais importante, conseguiu o comparecimento de oitenta pais a uma reunião, durante a qual, entre outras coisas, ficou encaminhado a boa solução o problema da merenda escolar.

Da comparação entre o trabalho livresco nas citadas Escolas e o trabalho escolar ao lado das "Granjinhas", pôde dar a este um realce tal, que o levou a realizar a experiência com suas alunas.

E ali estão elas, as novas "Granjinhas" surgindo do manejo das ferramentas e, ainda mais, da alma, e do coração de quarenta brasileiras, reunidas de norte, centro, sul e territórios, que têm o professor Covarrubias a lhes inculcar energia, entusiasmo, confiança, alegria contagiante, sensibilidade e, sobretudo, responsabilidade na ajuda ao desenvolvimento dos povos.

São 17 horas. Dia 17 de agosto de 1967. Da minha sala de trabalho vejo o professor, mangas arregaçadas, grande cajado nas mãos, no meio de suas alunas, no trabalho da terra.

Está quente. A lua crescente controla, do alto, serena, sem tremer os foguetes espaciais, as atividades daquele grupo de trabalhadores.

Desço até lá.

Professor Covarrubias vem a nosso encontro, expressão feliz, comunicando-nos ainda de longe, que a granjinha 1 já tem plantas!

E, num entusiasmo sincero, exclama: - "La granjinha de el centro del mundo!"

Ele sabe que da riqueza da terra, virá a grandeza do mundo.

ARQUIVO

Modesto e simples, nele cabe tudo.

É uma caixa de papelão retangular de 0,40m de comprimento, 0,30m de largura e 0,70m de altura, que guarda um mundo de coisas preciosas:

1. Diários
2. Relatórios quinzenais
3. Boletins informativos de plantio e colheita
4. Monografias de animais, plantas e minerais. Exemplos reais.
5. Desenhos - plantas, esquemas de figuras em movimento, pinturas
6. Poesias (as vezes, próprias) - contos, parábolas, provérbios
7. Canções (as vezes próprias)
8. Contabilidade
9. Herbarios -
10. Modelos de ferramentas
11. Bussola

12. Trena de 5 m
13. Disco de Newton
14. Modelo de relógio
15. Medidas populares

Graças, em grande parte, a êsse arquivo, pudemos fazer esta modesta publicação.

CONCLUSÃO

As "Granjinhas" continuam em plena atividade no ISER. Sempre com aspectos novos, sempre com frutos que se espalham pelo interior de nosso Estado e do Brasil.

É experiência vitoriosa. Que sirva de exemplo às autoridades educacionais de cúpulas, a fim de vermos nossas Escolas Rurais compreendidas e amparadas nessa atividade tão importante.

Hoje, não é mais "Método de Projeto", mas sim "Unidades de Trabalho" que se sucedem com êxito. Há bastante liberdade de planejamento, sem princípios rígidos, aproveitando-se ocasiões para aulas informais, devendo, por isso, o professor estar equipado com bagagem suficiente de conhecimentos.

Êsse "Grande brinquedo" entregue às nossas crianças é, de fato, um grande instrumento de trabalho. No trato diário de "sua Granjinha", sentir-se-ão presas à terra, com sentido de paternidade, o que nos traz à lembrança o solitário "Ezequiel", personagem de Humberto de Campos, a quedar-se paternalmente ante os edifícios da cidade do Rio de Janeiro, que levavam as marcas invisíveis porém imperecíveis de suas calejadas e rudes mãos de servente de pedreiro.

Compreendendo e amando a terra, sentindo-lhe o poder dadivoso e inesgotável, aprenderão a respeitar o homem lavrador - seu pai ou seu irmão - porque aprenderam a valorizar o tamanho da terra.

* * *

Fazenda do Rosário
Instituto Superior de Educação Rural
Primavera de 1967.

/Siba.
24.10.67

I N D I C E

Nº pag.

Apresentação pela profa. Áurea Nardelli	1
Prefácio à 2a. edição portuguesa-Homenagem póstuma à memória do Mestre - Dr. Henrique Marques Lisboa	3
Granjinhas Reunidas "Henriques Marques Lisboa" pela profa. Áurea Nardelli	13
Histórico	13
Que é Granjinha Escolar?	14
Objetivos	15
Motivação Externa	16
Movimento das Granjinhas	18
a) Composição das Equipes	18
b) Visita aos lotes	18
c) Entrega dos lotes	19
d) Contrato de locação	20
e) Período preparatório	21
f) Após o período preparatório	23
g) extrato dos diários	23
Tipos de trabalhos	26
Relações humanas	26
O pé de maracujá	28
Entrosamento com as matérias do Programa de Ensino	31
Língua Pátria, Redação, Ortografia	31
Aritmética	32
Estudos Sociais	33
Ciências Naturais, Educação Moral e Cívica, Religião	34
Trabalhos manuais, Artesanatos, Hábitos Sociais	35
Educação integral	36
Experiência com criança excepcional	39
Curso de Supervisores de Escola Unitária Completa	40
Arquivo	40
Conclusão	41